

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO DA ÁREA DA SAÚDE:
PROFISSÃO E QUALIDADE DE VIDA**

Soraya Diniz Rosa

**Sorocaba/SP
Junho/2000**

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO DA ÁREA DA SAÚDE:
PROFISSÃO E QUALIDADE DE VIDA**

Soraya Diniz Rosa

Orientadora: Profª Drª Maria Luísa Guillaumon Emmel

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

**Sorocaba/SP
Junho/2000**

Rosa, Soraya Diniz

O Professor Universitário da área da saúde:
profissão e qualidade de vida.

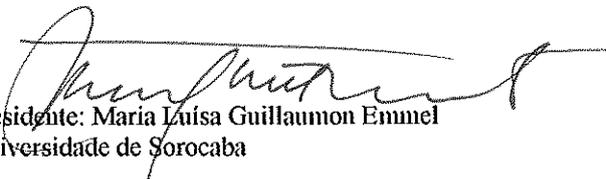
Sorocaba, 2000. p. 105

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Sorocaba, 2000.

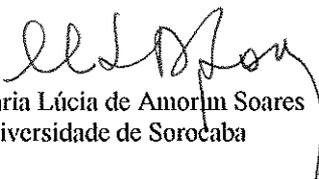
1. Qualidade de Vida
2. Saúde e Professor Universitário
3. Saúde e Trabalho

**O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO DA ÁREA DA SAÚDE:
PROFISSÃO E QUALIDADE DE VIDA.**

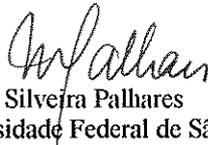
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, pela Banca Examinadora formada pelos seguintes professores:



Presidente: Maria Luísa Guillaumon Emmel
Universidade de Sorocaba



Maria Lúcia de Amorim Soares
Universidade de Sorocaba



Marina Silveira Palhares
Universidade Federal de São Carlos

Sorocaba
20 de junho/2000

DADOS CURRICULARES

Soraya Diniz Rosa

NASCIMENTO: 31 de outubro de 1958.

NATURALIDADE: Sorocaba-SP.

FILIAÇÃO: Joaquim de Almeida Rosa
Antonia Aparecida Diniz Rosa.

FORMAÇÃO: Terapeuta Ocupacional pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1981)

Advogada pela Faculdade de Direito de Sorocaba (1995)

CARREIRA UNIVERSITÁRIA: Ministra aulas nas disciplinas Prática em Terapia Ocupacional I, II e III, Saúde Ocupacional e Terapia Ocupacional em Saúde Mental no Curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Sorocaba. Coordena o projeto da Oficina Terapêutica “Jardim das Acácias” na cidade de Sorocaba/SP.

ASSOCIAÇÃO DE CLASSE A QUE PERTENCE: CREFITO - Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Dedicatória

Dedico este trabalho ao meu pai que desde muito cedo aprendeu a conviver com o sofrimento.

AGRADECIMENTOS

O processo que vivenciei para elaborar esta dissertação envolveu diferentes momentos., intercalado num jogo de idas e vindas. Alguns deles trouxeram-me sensações de muito prazer, outros, de angústia, desespero, incerteza.

Os momentos de prazer estiveram articulados com a possibilidade de aprender, de realizar, de ouvir as experiências e estabelecer novos vínculos. Por outro lado, a experiência de conviver com o desconhecido me assustava e me trazia uma sensação de medo.

Entretanto, nesse oscilar de prazer e sofrimento, estive na companhia de pessoas que muito contribuíram para a realização deste trabalho. Penso que ele só foi possível por essa relação de parceria. Assim, agradecê-las é um ato de reconhecimento e uma forma de retribuição.

À professora dra. Maria Luísa Guillaumon Emmel uma especial referência: fico-lhe muito grata pelo acolhimento, dedicação e sobretudo, por percorrer comigo esta trajetória tão difícil mas tão gratificante.

Ao Cícero, companheiro sempre atento às minhas preocupações, pela solidariedade e compreensão nos momentos de angústia.

À minha pequena Júlia, pelo sacrifício de conviver com uma mãe tão próxima e tão distante.

À Carol, filha querida, minha estrela, alerta nos meus desânimos e tropeços, minha gratidão pelas inúmeras renúncias que este trabalho lhe impôs.

Ao meu pai, peço perdão pelas minhas ausências.

À minha mãe, sempre disponível nos momentos mais difíceis, quero registrar meu eterno carinho.

À minha irmã e ao meu cunhado pelo suporte constante no oferecimento de uma ajuda, sendo um canal de força e motivação.

À Gisleine, Sandra, Rita e aos amigos do curso de Terapia Ocupacional da UNISO, pela companhia, apoio, trocas, leituras e outras interações.

À todos os professores do Mestrado que me mostraram o caminho, em especial ao professor Percival pela disponibilidade, colaboração e pelo incondicional incentivo.

Agradeço, em especial, aos professores que participaram desta investigação, principais protagonistas deste cenário.

SUMÁRIO

RESUMO	9
ABSTRACT	10
INTRODUÇÃO	11
OBJETIVO	15
METODOLOGIA	15
POPULAÇÃO E AMOSTRA	16
INSTRUMENTO.....	19
PROCEDIMENTO.....	22
CAPÍTULO I - QUALIDADE DE VIDA: UMA CONDIÇÃO DA AÇÃO HUMANA...	24
CAPÍTULO II - TRAJETÓRIA – O REGENTE E A SUA ORQUESTRA. AS MÚSICAS QUE EMBALAM OS SONHOS - O Papel do professor universitário da área da saúde	31
2.1- O PAPEL DO PROFESSOR NA ATIVIDADE DE ENSINO	37
2.2- O PAPEL DO PROFESSOR NA ATIVIDADE DE PESQUISA.....	43
2.3- O PAPEL DO PROFESSOR NA ATIVIDADE DE EXTENSÃO	45
2.4- O PAPEL DO PROFESSOR NA ATIVIDADE ADMINISTRATIVA	47
CAPÍTULO III - CAMINHOS E DESCAMINHOS AFINAM E DESAFINAM - As dificuldades do papel profissional	49
OLHANDO PARA UMA NOTA SÓ - A REPRESENTAÇÃO QUE O PROFESSOR FAZ DO ALUNO UNIVERSITÁRIO	64
ALGUMAS NOTAS DÃO O TOM E AFINAM A MELODIA - EXPECTATIVAS PROFISSIONAIS ALCANÇADAS NA UNIVERSIDADE.....	66
REVIRAVOLTA: A ORQUESTRA DESAFINOU - EXPECTATIVAS FRUSTRADAS.....	71
CAPÍTULO IV - A MELODIA DO COTIDIANO - As atividades do cotidiano	76
O TRABALHO PROFISSIONAL	76
À MÚSICA QUE TOCA EM CASA - AS ATIVIDADES DO TRABALHO FAMILIAR	85
OUTRAS MÚSICAS PODEM SER CANTADAS, TOCADAS, OUVIDAS - O TEMPO LIVRE.....	88
À MÚSICA QUE ARRANHA OS OUVIDOS - SITUAÇÕES QUE GERAM DESCOFORTO	90
CONCLUSÃO	93
OS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO E OS DA REDE PRIVADA DE ENSINO	93
OS TERAPEUTAS OCUPACIONAIS E OS OUTROS PROFISSIONAIS DA SAÚDE.....	94
ANEXOS	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	99

RESUMO

Esta pesquisa diz respeito a um estudo exploratório que pretende investigar a qualidade de vida e trabalho na universidade, em especial do professor universitário da área da saúde.

A temática surgiu com o objetivo de conhecer o cotidiano do professor universitário, considerando a multiplicidade de papéis que ele assume no desempenho do seu trabalho, ou seja, sua atuação na docência, pesquisa, extensão e administração.

A estratégia adotada foi constituir um grupo de pessoas a partir de critérios previamente estabelecidos:

- ser professor da área da saúde, sendo a metade terapeutas ocupacionais;
- estar atuando como docente universitário;
- a amostra ser distribuída igualmente entre professores da rede pública e da rede privada de ensino.

O grupo foi composto por vinte e quatro professores da área da saúde, sendo onze terapeutas ocupacionais e os demais das áreas de medicina, enfermagem, odontologia e fisioterapia.

A relação entre qualidade de vida e trabalho foi analisada sob o ponto de vista da representação que os professores fazem a respeito dos papéis ocupacionais e socioculturais que assumem na sua rotina de vida.

Através dos relatos dos entrevistados, analisou-se as informações obtidas sobre o cotidiano do professor centrando as atividades do trabalho profissional, do trabalho familiar e do tempo livre.

Os resultados obtidos mostram a representação que o professor da área da saúde faz do seu papel profissional no ambiente acadêmico, sua condição de vida, a predominância da sua atividade de trabalho sobre as demais e a descaracterização de seu tempo livre.

ABSTRACT

This research regards an exploratory study about life quality and work at the university, specially the ones related to the university professor who works in the health area.

This theme was chosen with the objective of developing knowledge about the professor's daily activities considering the multiple roles he or she undertakes to develop his or her work, such as teaching, doing research, extension and administration work.

The strategy applied in this work was to gather a group of people by criteria previously established:

- the subject should be a professor of the health area
- the subject should be working as a university professor
- the group should be composed of equal number of teachers working at public and private schools.

The group of 24 professors of the health area was composed by eleven professors who are occupational therapists and it was completed with other professionals who work in the medical, nursing, dentistry and physiotherapy areas.

The relation between life quality and work was analyzed under the professors' point of view in relation to the representation of the occupational and social-cultural roles they take over in their daily routine.

The information, obtained by interviewing the professors, was used to analyze the professors' routine focusing on their professional, family and free time activities.

The results show what is the representation that the professor of the health area has of his or her professional role in the academic environment, his life quality, the predominance of his work activity over other activities and the loss of quality of his or her free time.

INTRODUÇÃO

Este trabalho iniciou-se a partir do interesse em investigar a *qualidade de vida* universitária do docente que atua na área da saúde, considerando a multiplicidade de papéis que ele assume no cotidiano.

O caminho percorrido foi o de procurar conhecer, interpretar e analisar esse papéis, tendo o profissional como referência.

Nesse sentido, a relação entre *qualidade de vida* e trabalho foi analisada considerando a valorização dos papéis ocupacionais e socioculturais, previamente determinada, uma vez que as entrevistas direcionaram para a investigação da rotina de vida do professor.

O objetivo da pesquisa foi, então, o de detectar quais são as atividades ou situações de satisfação e prazer que o professor universitário considera importantes e significativas para garantir a *qualidade de vida* desejada, como se dá o equilíbrio entre essas atividades e com que padrão, intensidade e frequência elas acontecem.

Nesse contexto, buscou-se conhecer o cotidiano do professor universitário, como ele se organiza para o desempenho de suas tarefas, como define o seu papel profissional, qual o espaço que ocupa na academia, preocupando-se com os motivos para a satisfação e a insatisfação no trabalho, que repercussão tem seu trabalho fora da universidade e como o professor se relaciona com as demais atividades do cotidiano. Dentro desse enfoque, este trabalho procurou investigar: quais são e como se dão as atividades do trabalho profissional, que outras atividades fazem parte do cotidiano do professor, analisando a disponibilidade de tempo e desejo para cada uma delas e se as diversas dimensões das funções profissionais são capazes de produzir motivação e satisfação na vida. Em contrapartida, interessava também poder identificar que pontos de estrangulamento geram desequilíbrio e insatisfação. Esperava-se, assim, estabelecer de que forma as tarefas cotidianas prazerosas ou não, determinam a *qualidade de vida* do professor universitário.

Tomou-se a atividade do trabalho profissional como eixo da análise, considerando-se sua importância e necessidade no contexto social e histórico. Desde a revolução industrial, a

atividade profissional vem interferindo diretamente no cotidiano da vida urbana, no que se refere à necessidade de obter riquezas materiais e de adquirir status social desejado, na figuração do próprio sentido da vida. Na perspectiva de civilização ocidental, o indivíduo que perde o seu trabalho, ao mesmo tempo, perde a motivação do agir humano.

No paradigma contemporâneo, a maioria das pessoas passam a maior parte do seu tempo no trabalho. Por outro lado, nem todas têm garantida a possibilidade de sua participação nessa tarefa. No mundo atual, falta trabalho. A dicotomia ocupação profissional-desemprego parece ter possibilitado as reflexões sobre as outras atividades da ocupação humana, consideradas também como fundamentais para o equilíbrio da vida.

O recorte dessa pesquisa privilegiou as relações de causalidade entre as atividades do trabalho profissional docente na academia e outras atividades do cotidiano, vivenciadas no contexto social. Consideraram-se as experiências relatadas de cada professor sobre a organização do seu dia-a-dia, do tempo para o trabalho e do tempo fora dele, determinando o seu modo de viver.

Entendeu-se a relevância do tema sob dois enfoques. O primeiro, por propiciar uma possível reflexão sobre a ocupação humana no contexto psicodinâmico e social. Nesse sentido, abre-se a possibilidade de compreender como os professores da área da saúde entrevistados, ocupam espaços e vão definindo uma própria cartografia, estabelecendo relações com as pessoas e as coisas do mundo a partir de todas as heranças socioculturais.

O segundo enfoque refere-se à percepção de que existem certas discrepâncias no cotidiano do professor universitário da área da saúde, referentes à multiplicidade de papéis que ele assume. Daí o interesse em analisar as convergências e as dessemelhanças desses profissionais.

Para a realização deste estudo, considerou-se um depoimento gravado, resultantes de entrevista semi-estruturada, com vinte e quatro professores universitários da área da saúde, distribuídos em escolas de ensino público e privado, num total de dez universidades localizadas no estado de São Paulo, à exceção de duas, uma em Fortaleza (CE) e outra em Belém (PA).

As entrevistas objetivaram a apreensão dos dados no ambiente natural do professor, levantando-se temas comparáveis entre os sujeitos. Esse instrumento centrou-se em dois tópicos:

- 1- formação e trabalho profissional;
- 2- outras atividades que fazem parte do cotidiano do entrevistado.

Na condução da técnica, considerou-se a importância da apresentação dos temas, oferecendo a oportunidade do entrevistado de moldar o seu conteúdo.

Para analisar os dados, tomou-se como referência a organização sistemática da transcrição dessas entrevistas e das notas de observação que foram sendo acumuladas durante a pesquisa e a interpretação dos conteúdos através da codificação estabelecida num quadro de categorias.

Segundo Bogdan e Biklen (1994:205) “a análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspectos importantes e do que se deve ser aprendido, e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros”.

Na categorização dos dados, procurou-se identificar nas entrevistas os aspectos importantes sobre os valores sociais e a maneira pela qual o professor dá sentido à sua vida. Desta forma, construíram-se três categorias: profissional, familiar e tempo livre. Desenvolveu-se primeiramente uma análise específica de cada uma dessas unidades, considerando as seguintes diferenças: os professores vinculados ao serviço público e os do que pertencem ao serviço privado, os terapeutas ocupacionais e os demais profissionais da área da saúde. Levantaram-se referências comuns para os grupos, apontando-se dessemelhanças através do cruzamento das categorias.

O resultado dessa análise determinou um aprofundamento teórico, pela da literatura relativa ao assunto. Na seleção dos textos e dos autores, buscou-se selecionar primeiramente os estudos relacionados aos temas *qualidade de vida* e satisfação pessoal. No entanto, foram encontrados poucos relatos referentes ao assunto e na direção que se pretendia. Optou-se, então, por escolher alguns autores que viessem corroborar ou contestar dados coletados na pesquisa.

A produção teórica consultada não foi específica de uma área de conhecimento, abrangendo formulações da Educação, Terapia Ocupacional, Psicologia Social, Sociologia, Medicina Social e do Trabalho, diversidade que se justificou pela própria natureza do tema e da sua correlação.

Para a apresentação deste trabalho, organizou-se a distribuição dos temas em quatro capítulos e a conclusão.

O primeiro capítulo aborda uma discussão sobre o significado dos termos *qualidade e trabalho* no sentido de fazer uma análise considerando os referências dos professores universitários da área da saúde.

No segundo capítulo procura-se verificar especificamente o papel que os professores universitários desempenham na comunidade acadêmica, como é que definem o seu papel e quais são as possibilidades de desempenhá-lo de acordo com os seus desejos. Nesse contexto, investigaram-se todas as atividades, responsabilidades e competências que fazem parte da rotina de trabalho do professor, apontando quais são as tarefas que ele desempenha e quais acha que não condizem com a sua função.

Nos dois primeiros capítulos foram considerados os pontos comuns que os professores relataram, ou seja, a abordagem se deu dentro de um critério de semelhanças. A partir do terceiro capítulo, apontam-se algumas dessemelhanças.

No terceiro capítulo a abordagem é sobre as dificuldades encontradas pelo professor frente às inter-relações na academia, com os seus pares, com os alunos e com o poder administrativo. Interessou investigar as condições de trabalho e o reconhecimento do papel profissional, levando em consideração o contexto da satisfação e insatisfação no trabalho.

O tema do quarto capítulo é sobre a rotina de vida do professor universitário. A preocupação esteve em relacionar as atividades do dia-a-dia, fazendo uma identificação das tarefas e do tempo disponível para cada uma delas. Pontuam-se as relações estabelecidas entre satisfação no trabalho e em outras tarefas da vida. Nesse sentido, analisam-se as condições de trabalho no cotidiano de cada grupo, estabelecendo os diferentes significados da atividade profissional.

Na conclusão, foram considerados os contrapontos entre os grupos levando em conta a atuação e formação profissional. Nesse sentido, a análise se deu no cruzamento entre o grupo de professores da rede estadual e os da rede privada de ensino. Uma segunda consideração, teve como referência o grupo dos terapeutas ocupacionais e os demais profissionais da área da saúde.

Objetivo

Nesta pesquisa pretendeu-se realizar um estudo exploratório nas universidades sobre a *qualidade de vida* do professor universitário da área da saúde, com ênfase particular dos professores da Terapia Ocupacional, de modo a perceber como ele define seu papel profissional e qual é a importância que este tem sobre os outros papéis do seu cotidiano.

Metodologia

A investigação desenvolveu-se conforme a metodologia da pesquisa qualitativa.

Essa escolha justificou-se por conta da opção em identificar a *imagem* que cada professor tem do seu trabalho e de que forma ele vai construindo a sua vida, apreendendo os diferentes significados e as múltiplas realidades estabelecidas em cada entrevista.

Segundo Bogdan e Biklen (1994:50) “os investigadores que fazem uso deste tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas”, Neste estudo, o que importaram, entretanto, foram as palavras e as imagens que cada entrevistado revelou no momento da investigação. Assim, não foi contemplado o número de respostas mais acentuadas para um ou outro tema, dentro de uma abordagem estatística.

Para dar conta desse interesse, a estratégia adotada foi o uso da entrevista semi-estruturada, em que a participação do pesquisador é ativa. O instrumento possibilitou a coleta imediata das informações desejadas, favorecendo uma relação mais próxima do investigador com cada sujeito envolvido na pesquisa e promovendo o diálogo.

As entrevistas individuais permitiram que *aflorassem* ansiedades e desejos, na medida em que os temas favoreceram um repensar sobre os papéis desenvolvidos pelo professor no seu cotidiano e as emoções estabelecidas em suas diversas relações. Ou seja, procurou-se compreender como é que o professor universitário da área da saúde organiza os seus espaços, qual é o entendimento e as asserções que ele tem dos seus papéis e como é que atua em cada contexto.

Durante as entrevistas, a investigadora tentou estabelecer um clima de confiança, estando atento para ouvir e perceber o comportamento de cada entrevistado, deixando-o à vontade para expor suas idéias, sem forçar o rumo das respostas para determinada direção.

Nesse sentido, foi utilizado a “atenção flutuante”, pelo qual, segundo Thiollent (1992), o entrevistador vai obtendo, durante a interação, uma comunicação não verbal (os gestos, expressões, entonações, alterações de ritmo, sinais não verbais) capaz de garantir maior compreensão para a interpretação das entrevistas.

Triviños (1987:122) chama atenção para a importância de considerar “a idéia dos significados latentes do comportamento humano dentro de um contexto cultural...”. As informações estiveram pautadas nessa perspectiva.

A atenção da investigadora esteve voltada também às interferências que se fizessem necessárias para eventuais esclarecimentos, buscando-se manter a individualidade do autor. Tomou-se o cuidado de garantir o sigilo e o anonimato do informante. As referências utilizadas respeitaram o próprio universo, a cultura e as ideologias de cada professor.

População e Amostra

O grupo foi constituído estabelecendo-se previamente dois critérios de inclusão:

- 1- ser professor da área da saúde;
- 2- estar atuando como docente universitário.

Num primeiro momento, o interesse pela constituição do grupo deu-se por sua especificidade: a formação profissional da área da saúde e a sua atuação enquanto professor universitário. Havia o interesse em investigar como é que esse professor estabelece as relações com o ensino-aprendizagem, ensino-pesquisa e ensino-extensão na universidade.

O professor universitário da área da saúde, em razão da função que ocupa, desempenha quatro papéis sociais diferentes e complementares ao seu trabalho profissional. Ele se distingue, nesse sentido, dos demais professores universitários, já que além da docência, administração e da pesquisa, tem também a atividade de extensão, que é continuada e constitutiva, dada que a própria docência se faz pelo atendimento.

Foram considerados, também, para a constituição do grupo, o número de professores e o modelo de instituição à qual deveriam exercer suas atividades profissionais. Determinou-se um número de vinte e quatro professores universitários da área da saúde, número considerado suficiente para este estudo, sendo que a metade deveria pertencer à rede pública de ensino e a outra metade ao setor privado. Outro critério estabelecido foi o de que a maioria tivesse como formação a área de Terapia Ocupacional. A justificativa de considerar um número maior de terapeutas ocupacionais é o interesse em investigar como é que esses profissionais organizam o seu cotidiano, na medida em que a *qualidade do fazer humano* é um dos eixos epistemológicos dessa profissão.

O grupo foi composto por onze terapeutas ocupacionais e os demais das áreas de medicina (3), enfermagem(6), odontologia(1) e fisioterapia(3). Em relação ao nível de capacitação dos docentes da amostra, 6 possuem como titulação máxima a Especialização, 2 o título de Mestre, 4 são Doutores. Outros sete docentes estão com o Mestrado em andamento, 3 são doutorandos e um está fazendo pós-doutorado. Apenas um docente possui como titulação máxima a graduação.

Foram consideradas dez universidades, sendo a metade, instituições de caráter público. A média do tempo de atuação do professor na mesma instituição é de aproximadamente 12 anos. A carga horária para o trabalho desenvolvido nas instituições particulares esteve distribuída entre 4 horas/aulas/semanais e 37 horas/aulas/semanais, ficando a média em 24,4 horas/aulas/semanais. Nenhum profissional das instituições de ensino privado trabalha em regime de dedicação exclusiva, enquanto todos os vinculados à escola pública têm dedicação exclusiva.

Os dados pessoais apontam que a maioria desses professores é do sexo feminino (20), idade média de quarenta e três anos, é casada e tem, em média, dois filhos.

Tabela 1 – Dados da Amostra estudada.

	Idade	Sexo	Est. Civil n. filhos	Formação	Titulação	Origem Instituição	Vínculo	Regime de trabalho
Suj. 1	36	F	Solt.	T.O.	Especialista	Pública (PE)	4 anos	D.E.
Suj. 2	35	F	Solt.	T.O.	Mestrado (em curso)	Pública (PE)	10 anos	D.E.
Suj. 3	41	F	Solt.	T.O.	Mestrado (em curso)	Pública (PA)	10 anos	D.E.
Suj. 4	60	F	Viúva 1 (21a)	Enfermagem	Especialista	Privada	25 anos	37 h/sem.
Suj. 5	56	M	Casado 1(18 a)	Medicina	Especialista	Privada	28 anos	20 h/sem
Suj. 6	36	F	Solt,	Enfermagem	Mestrado (em curso)	Privada	5 anos	30 h/sem
Suj. 7	43	M	Casado 2 14e16a)	Odontologia	Mestrado (em curso)	Privada	6 anos	18 h/sem.
Suj. 8	39	F	Casada 2(6 e 11a)	Enfermagem	Doutorado (em curso)	Pública	13 anos	D.E.
Suj. 9	38	F	Casada 1(6 a)	Enfermagem	Doutor	Pública	1 ano e 4 meses	D.E.
Suj. 10	43	F	Casada 2(14e15a)	Medicina	Doutor	Pública	14 anos	D.E.
Suj. 11	43	M	Casado 2(6e8a)	Medicina	Doutor	Pública	12 anos	D.E.
Suj. 12	46	F	Casada (23,16,14)	Enfermagem	Mestre	Pública	18 anos e 6 meses	D.E.
Suj. 13	50	M	Casado 1(20 a)	Fisioterapia	Mestre	Pública	18 anos	D.E.
Suj. 14	37	F	Casada (16,6,3 ^a)	T.O.	Doutorado (em curso)	Pública	12 anos	D.E.
Suj. 15	37	M	Solt.	T.O.	Especialista	Privada	1 ano	4 h/sem
Suj. 16	43	F	Casada 2(7e2a)	T.O.	Especialista	Privada	17 anos	22 h/sem
Suj. 17	40	M	Casado (9,4,2 ^a)	T.O.	Mestrado (em curso)	Privada	13 anos	25 h/sem
Suj. 18	49	F	Casada 1(13 a)	Fisioterapia	Especialista	Privada	20 anos	23 h/sem
Suj. 19	61	F	Viúva 7(43-30 ^a)	Fisioterapia	-	Privada	18 anos	36 h/sem
Suj. 20	39	F	Casada 2(14 15a)	T.O.	Doutorado (em curso)	Pública	12 anos	D.E.
Suj. 21	42	F	Casada 2(10 e 3 ^a)	T.O.	Pós-Dout. (em curso)	Pública	7 anos	D.E.
Suj. 22	40	F	Casada 1(5 a)	T.O.	Mestrado (em curso)	Privada	1 ano e 6 Meses	30 h/sem
Suj. 23	40	F	Casada 2(5 e 8 a)	T.O.	Mestrado (em curso)	Privada	1 ano e 6 meses	20 h/sem
Suj. 24	56	F	Casada 2(18e25a)	Enfermagem	Doutor	Privada	15 anos	30 h/sem

Quatro grupos foram considerados em razão da formação e da atuação profissional: o dos professores vinculados às escolas públicas e o grupo de professores que atuam na rede privada de ensino; o grupo dos terapeutas ocupacionais e o dos demais profissionais da área da saúde.

Instrumento

O instrumento utilizado na pesquisa foi a entrevista semi-estruturada. De acordo com LUDKE E ANDRÉ (1986), a entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados na pesquisa qualitativa.

Os conteúdos da entrevista remeteram para temas que foram tratados por outros autores. Para a elaboração do roteiro, levaram-se em consideração os estudos que tivessem correlação com a área desta pesquisa. Tomaram-se como ponto de referência os temas relacionados entre *qualidade de vida* e trabalho.

Esta perspectiva está de algum modo apontada pelos trabalhos de Tait et al incluídos em Neri (1993). O tema central desses estudos é investigar se existe uma relação de causalidade entre satisfação no trabalho e demais aspectos da vida. Apontam para a pesquisa da rotina do trabalho profissional, levando em consideração as atividades prazerosas e as que proporcionam sofrimento, buscando estabelecer relação positiva entre as atividades profissionais e atitudes relacionadas à vida. Objetivaram investigar as necessidades e os desejos individuais frente às possibilidades de uma correlação entre todas as atividades do cotidiano.

O roteiro do modelo experimental se constituiu considerando temas explorados nos trabalhos acima citados. Em outras palavras, a influência desses autores possibilitou a elaboração de um modelo preliminar de entrevista, o que foi testado com dez professores universitários de duas escolas, uma da rede pública de ensino e outra da rede privada, de modo a obter informações que auxiliassem o direcionamento da pesquisa. Nesse momento, não foram levadas em consideração as áreas de formação e de atuação profissional.

Os resultados das entrevistas-testes possibilitaram o aperfeiçoamento de instrumento definitivo de coleta. Os principais ajustes foram no sentido da delimitação do estudo, fazendo um recorte da população-alvo e da adequação do modelo para abordar, da melhor forma, o tema proposto.

Para a elaboração do roteiro definitivo da entrevista, outros estudos foram considerados como os de Marcellino (1984), Reinhold (1984), Barbosa (1992), Monaci (1995), Souto (in Spink :1995), Valle e Vieira, e França elaborados por Sampaio (1999).

O estudo de Valle e Vieira, incluído em uma coletânea de trabalhos sobre qualidade de vida, saúde mental e psicologia social, organizada por Sampaio, relata uma investigação sobre qualidade de vida no trabalho dos servidores técnicos-administrativos da Universidade Federal de Minas Gerais. Os pesquisadores estabelecem oito critérios para analisar *qualidade de vida* no trabalho: compensação justa e adequada, condições de trabalho, uso de desenvolvimento de capacidades, oportunidade de crescimento e segurança, integração social na organização, o trabalho e o espaço total de vida, relevância social da vida no trabalho. Concluem que a *qualidade* de vida no *trabalho* é baixa para esse grupo, por dois motivos =principais: o padrão de remuneração defasado em comparação com o da iniciativa privada e mesmo relacionada com outros poderes da união; e a política de controle e gestão de recursos humanos, que vem determinando o enxugamento da máquina, incentivando a demissão de funcionários.

A pesquisa de França, organizada por Sampaio (1999) que trata da *qualidade de vida* nas empresas, também foi considerada. Essa pesquisa utiliza uma metodologia baseada em Indicadores Empresarias para viabilizar maior capacidade estratégica de levantar os pontos de estrangulamento na rotina de trabalho. Aponta como indicadores relativos aos recursos humanos: formação profissional, qualificação, produtividade, remuneração e satisfação no trabalho.

Reinhold (1984) investiga fatores estressantes que o professor do ensino fundamental de primeira a quarta série enfrenta em seu trabalho nas escolas públicas estaduais. A investigação se deu em nove escolas de uma cidade no interior do estado de São Paulo e tinha como objetivo detectar quais os fatores estressantes que o professor enfrenta em seu trabalho, levantando as fontes, os sintomas do stress e as estratégias utilizadas pelo profissional para lidar com esse sofrimento.

A contribuição desse estudo para a elaboração do instrumento foi no sentido de poder investigar as possíveis situações de angústia e sofrimento, decorrentes da situação de trabalho, vivenciadas pelo professor universitário.

O estudo de Souto, organizado por Spink (1995) diz respeito ao papel profissional do professor universitário dentro da perspectiva da representação social no cotidiano. Ela considera como o próprio professor vivencia, constrói e define o seu papel profissional,

fazendo o contraponto com os demais profissionais da comunidade universitária. Aponta como característica positiva a possibilidade e o incentivo pela capacitação docente na escola pública e como negativa o sentimento de angústia do professor pela falta de reconhecimento do seu papel profissional. Considera ainda que o contexto estrutural da universidade, no sentido econômico e organizacional, influencia na dinâmica do trabalho do professor e a sua motivação para o desempenho de seu papel.

A influência de Souto neste trabalho foi no sentido de fazer uma investigação sobre a imagem que o próprio professor universitário da área da saúde tem sobre o seu papel profissional.

Monaci (1995) realiza uma pesquisa no ambiente universitário para verificar as vivências de felicidade e/ou bem-estar na vida cotidiana dos professores. Utiliza como eixo metodológico a teoria de Rogers, fundamentalmente sobre a personalidade e a aprendizagem humana. Aponta como resultado, seis significados: relacionamento interpessoal positivo, reconhecimento da própria competência profissional, empenho e responsabilidade do professor para atualizar as suas potencialidades, experiência interior profunda sem relacioná-las às circunstâncias externas, distanciamento dos problemas externos e condições favoráveis à pesquisa e ao ensino que são oferecidos pela universidade.

Nesse sentido, nesta pesquisa pareceu importante fazer uma investigação sobre a vocação do indivíduo, no sentido de poder compreender quais são os critérios para a satisfação no trabalho e a realização profissional.

Outra referência para a composição da entrevista foi o trabalho de Marcellino (1984) sobre as relações existentes entre o tempo livre, trabalho e demais esferas de obrigação da vida social. O autor traça uma pesquisa metodológica centrada na análise comparativa de textos teóricos das áreas de educação e lazer e conclui que para uma boa condição de vida, o tempo livre é necessário. Essa abordagem despertou o interesse em investigar de como é que os professores da área da saúde organizam a sua rotina de vida, no trabalho e fora dele; quais são as atividades que favorecem sentimentos de satisfação e prazer e quais são responsáveis por situações de constrangimento e dor.

Barbosa (1992) estuda o modo como o homem vive na atualidade, seu “modus vivendi”. Faz uma análise sobre o tempo de trabalho e a disponibilidade para o tempo livre, e conclui que a forma organizacional da sociedade estabeleceu para as pessoas um jeito de viver determinado pelo trabalho. As pessoas passam a maior parte do seu tempo, desenvolvendo

suas atividades profissionais. Refere à importância do lazer como condição básica para se ter saúde, uma vez que as atividades lúdicas favorecem sentimentos de satisfação, prazer e alegria. Essa perspectiva foi contemplada no roteiro da entrevista.

O modelo definitivo considerou, portanto, três questões fundamentais:

- 1- o papel profissional;
- 2- as atividades do cotidiano;
- 3- a relação entre o papel profissional com os demais papéis na rotina do dia-a-dia.

Procedimento

Com a definição da população e do instrumento, pôde-se traçar o percurso da pesquisa, que desencadeou-se em diferentes etapas.

Na realização da entrevista, privilegiou-se o próprio local de trabalho dos profissionais.

Todas as entrevistas foram preventivamente agendadas. Não foi determinado o número de profissionais por área de formação, com exceção da Terapia Ocupacional. Assim, essa caracterização dependeu da disponibilidade de cada profissional para participar deste estudo.

Este processo demandou um tempo maior (oito meses) no sentido de coincidir os horários dos professores e da investigadora.

Cada entrevista foi precedida por uma explicação sobre o significado e os objetivos da pesquisa. Posteriormente, ficou a critério do entrevistado qualquer esclarecimento, bem como a forma e disposição das suas respostas. Assim, quem determinou os rumos, o tempo e a finalização da entrevistas foi o próprio informante.

As entrevistas foram gravadas, deixando a investigadora livre para prestar toda atenção e fazer as demais anotações sobre o informante. Posteriormente foram transcritas, mantendo-se os relatos dos entrevistados na versão original, excluindo-se apenas os vacilos, repetições, marcadores do tipo “né”, “tá”, que não tiveram nenhuma importância para a análise.

Os critérios de análise estiveram definidos em dois momentos. O primeiro, deu-se na elaboração de um quadro contendo todas as questões e as respostas de cada sujeito organizadas de acordo com a classificação dos grupos. Essa ordenação possibilitou uma leitura horizontal, apontando todas as informações a respeito de uma mesma temática.

O segundo momento foi o da classificação dos dados quando juntaram-se as respostas com os significados correspondentes para montar as categorias. Como resultado dessa análise, quatro categorias foram estabelecidas:

- o papel profissional;
- as dificuldades encontradas no trabalho;
- a rotina do dia-a-dia e;
- as relações de satisfação e de angústia estabelecidas no cotidiano do professor universitário.

Para análise dos dados consideraram-se dois grupos: o primeiro referente ao modelo de instituição que o professor atua e o segundo relativo à área de formação profissional. No primeiro grupo contemplou-se dois subgrupos: os professores da rede pública de ensino e os profissionais da rede privada. No segundo grupo destacou-se os profissionais da Terapia Ocupacional e os demais da área de saúde.

Esquemáticamente tem-se:

Quadro1 – Grupos considerados para a análise dos dados

<i>GRUPO</i>	<i>SUBGRUPOS</i>
I- Tipo de Instituição	1- Universidade Pública 2- Universidade Privada
II- Área de formação profissional	1- Terapia Ocupacional 2- Outras áreas da saúde

Constatou-se que existiam muitos pontos congruentes entre esses grupos, apontados nos primeiros capítulos deste trabalho. As diferenças foram discutidas a partir do terceiro capítulo.

CAPÍTULO I

QUALIDADE DE VIDA: UMA CONDIÇÃO DA AÇÃO HUMANA

Qualidade é, sem dúvida, uma palavra em moda atualmente no mundo ocidental. Nunca se falou tanto em qualidade quanto agora. São declarações dos organismos internacionais, empresas investindo em programas de “*Qualidade Total*”, manifestações de autoridades educacionais, organizações escolares, centrais sindicais, especialistas. A palavra parece ter se tornado eixo de um discurso mobilizador. É como se fosse um grito de guerra, uma espécie de corrida em torno da qual devem se juntar todos os esforços para alcançar o que se chama de *qualidade*.

O problema é que apesar de se usar o termo com a conotação evidente, o fato é que ele tem muitas acepções. Vejamos o que nos informa o dicionário Aurélio (1995), referência da Língua no Brasil.

Para Aurélio (1995), *qualidade* pode significar:

“s.f. 1. Propriedade, atributo ou condição das coisas ou das pessoas capaz de distingui-las das outras e de lhes determinar a natureza. 2. Numa escala de valores, *qualidade* (1) que permite avaliar e, conseqüentemente, aprovar, aceitar ou recusar, qualquer coisa. 3. Disposição moral ou intelectual das pessoas. 4. Dote, dom, virtude. 5. Condição, posição, função. 6. Deprec. Espécie, casta, laia. 7. *Filos.* uma das categorias fundamentais do pensamento: maneira de ser que se afirma ou se nega de uma coisa. *Fil.* Aspecto sensível, e que não pode ser medido, das coisas”.

Das oito acepções de Aurélio, interessa para esta discussão: 1, 2, 3 e 4.

A primeira acepção de Aurélio traz a idéia de *qualidade* enquanto propriedade, atributo. Deste ponto de vista, qualquer pessoa ou coisa têm *qualidade*, pois é uma forma de identificá-los. Como padrão, incorpora valores positivos e negativos. Se *qualidade* é um atributo que distingue as pessoas e coisas em melhores e piores, ela é um instrumento de comparação o que nesse caso tem um valor relativo. Na maioria das vezes é considerado o

atributo positivo e só vai ser visto de forma negativa se estiver determinantemente definido como produto de má qualidade, vida sem qualidade.

A segunda acepção está constituída numa escala de valores que é extrínseca ao objeto, na medida em que posso atribuir uma *qualidade* às pessoas ou às coisas. Isso implica em avaliá-las, classificá-las, julgá-las.

O significado do termo como disposição moral ou intelectual das pessoas, definida no item 3, de certa forma é uma espécie de especialização da segunda acepção.

O termo *qualidade* passa a ter um peso muito grande no senso comum quando associado a dote, dom, virtude, ou seja, para a maioria das pessoas ele é utilizado como um atributo positivo. Nesse caso, o termo tem a ver com talento, bons predicados, como por exemplo: passe de qualidade. Incorpora-se o atributo como se ele fosse absoluto, estivesse intrinsecamente ligado à pessoa.

Enquanto atributo positivo, pode ser identificado nas diversas mensagens do cotidiano, como por exemplo, quando se diz produto de qualidade, entende-se que é um bom produto, qualidade total na empresa significa ter boa condição de trabalho e produção.

Esse significado é que parece prevalecer no debate atual.

O modelo contemporâneo está relacionado à valorização do trabalho e, nesse sentido, *qualidade* tem a ver com a capacidade que as pessoas têm para o trabalho, como e quanto elas produzem e de que forma podem consumir os produtos.

Harvey (1996) entende que vivemos em uma condição pós-moderna em que o modelo industrial empurra as pessoas a construir uma sociedade determinada por um espaço e um tempo voltados predominantemente para o trabalho. A produção da riqueza está caracterizada ideológica e politicamente num modelo hegemônico de controle.

Para Guattari (1986), esse modelo é de ordem capitalista e está predeterminado, exigindo e estabelecendo referências para os modos das relações humanas. Assim, cada indivíduo está subordinado a consumir imagens, informações, ou seja, uma heterogeneidade de componentes sociais, econômicos, tecnológicos, de mídia, etc, que influenciam em sua maneira de viver.

Segundo Weber (1971:85), “a ação social é uma atividade plena de sentidos, estabelecidos entre os agentes sociais e por meio dos quais seus comportamentos se regulam...”. A lógica estabelecida representa, então, o significado que cada grupo dá para sua vida, através da sua prática social

A lógica construída no modelo atual é a de que a sociedade está estruturada ideologicamente por uma práxis voltada para a capacidade de produção. Sendo assim, a força de trabalho assume um valor que permite *qualificar* as pessoas, isto é, atribui-lhes um valor que será interpretado numa escala, dispondo-as a garantir o modelo capitalista. Esse modelo constituído determina as condições de vida dos indivíduos. Embora eles estejam racionalmente organizados, a sociedade está instituída na ambigüidade: muitos produzem, poucos são os beneficiados e o poder não está nas mãos de quem produz. A estrutura é para manter o sistema, mesmo que não proporcione satisfação pessoal.

Marcuse (1967:211) entende que são as exigências sociais que determinam regras, validando e invalidando as normas numa eficiência que permeia a consciência geral das pessoas. Para ele, a sociedade moderna industrial é irracional. Na rotina do dia-a-dia, as pessoas permanecem maior parte do tempo no trabalho, com horários, espaços e funções determinadas, para se ter uma produção contínua de coisas que a própria sociedade precisa infinitamente consumir.

O trabalho fica, na maioria das vezes, destituído de valores subjetivos, como auto-referência para alcançar as necessidades e os desejos pessoais e passa a ter um fim social de comercialização, de acúmulo de riqueza para a minoria. As empresas estão organizadas para manter esse padrão e cada vez mais tentam se organizar para garantir os espaços do poder.

Em seu trabalho, Koritiake (1999), recuperando o conceito marxista de *qualidade*, definido como a capacidade para o trabalho, refere às dificuldades das empresas para enfrentar a globalização e aumentar a competitividade no mercado. A sociedade industrial representa a possibilidade de produzir, de aumentar o lucro, de garantir a clientela frente à sua satisfação e de determinar certa competitividade no mercado de consumo. Entende que “as empresas estão preocupadas com os métodos e técnicas relacionadas à organização do processo de trabalho, controle e garantia de qualidade e planejamento e gestão...”. Ou seja, a exigência empresarial é a de se ter uma estrutura organizacional com tecnologia, que venha possibilitar e garantir melhor qualidade a um produto ou a um serviço, maior rendimento e menor custo.

Qualidade refere-se, então, à exigência da capacidade pessoal para ajustar-se ao mercado, de forma que o trabalho acaba tendo um papel central nesse modelo de organização social. Sendo assim, numa escala de valores, como se determinam as condições de vida das pessoas? Qual deveria ser o papel do trabalho para garantir uma boa qualidade de vida?

Se, com essa discussão estabeleceram-se bases mínimas para a interpretação de *qualidade* e para a discussão sobre ela, cabe agora fazer a mesma coisa com a palavra trabalho.

Novamente, encontra-se uma complexidade de definições.

Aurélio (1995) conceitua o *trabalho* como:

“S. m. 1. Aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim. 2. atividade coordenada, de caráter físico e/ou intelectual, necessária à realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento. 3. O exercício dessa atividade como ocupação, ofício, profissão, etc. 4. trabalho (2) remunerado ou assalariado; serviço. 5. Local onde se exerce essa atividade. 6. Qualquer obra realizada. 7. Maneira de trabalhar a matéria, com manejo ou a utilização dos instrumentos de trabalho; *trabalho com cinzel*; *trabalho ao microscópio*. 8. Esforço incomum; luta, faina, lida, lide. 9. Tarefa para ser cumprida; serviço. 10. Fatura, feitura, lavor. 11. Atividade que se destina ao aprimoramento ou ao treinamento físico, artístico, intelectual, etc. 12. Ação contínua e progressiva de uma força natural; e o resultado desta ação. 13. Resultado útil do funcionamento de qualquer máquina. 14. Tarefa, obrigação, responsabilidade. 15. *Biol.* fenômeno ou conjunto de fenômenos que ocorrem num organismo e de algum modo lhe alteram a natureza ou a forma. 16. *Econ.* Atividade humana realizada ou não com auxílio de máquinas e destinada à produção de bens e serviços. 17. *Fis.* grandeza cuja variação infinitesimal é igual ao produto escalar de uma força pelo vector deslocamento infinitesimal de seu ponto de aplicação. 18. *Med.* trabalho de parto. 19. *Bras.* V. bruxaria (1 e 2). *trabalho de sapa.* conspiração ou ação oculta contra alguém.

Das dezenove significações da palavra trabalho, seis estão de maneira mais ou menos articuladas à discussão da sociedade capitalista.

Na terceira ordem, o trabalho entendido como profissão, ofício, significa que o indivíduo realiza uma tarefa e em troca recebe por ela. Nesse sentido, pode estar vinculado a uma necessidade pessoal, a uma condição de garantia da própria vida: “ele precisa trabalhar para sobreviver”.

No contexto atual, com a existência de mão-de-obra excedente, o mercado vem desfavorecer cada vez mais as condições de trabalho e, desta forma, impor competição entre os indivíduos. As vagas são disputadas acirradamente e as pessoas submetem-se ao controle homogêneo e imperialista da racionalidade, quando o trabalho toma uma forma de sacrifício social, em que os valores subjetivos são desprezados.

Esse modelo está associado à lógica do mercado, ao valor da mão-de-obra, e tem a ver com a *qualidade* da tarefa e com a capacidade de desenvolvimento pessoal. Assim, numa indústria, a pessoa que trabalha na linha de produção, ou nas atividades de limpeza e conservação dos espaços físicos, é a mais “desqualificada”. Numa escala de valores, são tarefas de caráter físico que não demandam investimentos intelectuais.

Nesse sentido, o trabalho está ligado a um valor. Deve-se destacar que o responsável pela produção, gera lucro e aumenta o capital, mas não tem acesso ao produto final. É o trabalho de exploração, que impõe uma diferenciação social, caracterizando o modelo da “mais valia”.

Segundo Dejours (1992:39), “o homem do trabalho artesão desapareceu para dar lugar a um aborto: um corpo instrumentalizado, operário de massa, despossuído de seu equipamento intelectual e de seu aparelho mental”. Na vivência operária, aparecem dois sofrimentos fundamentais que estão organizados através dos sintomas insatisfação e ansiedade. O trabalhador, por estar sendo controlado a todo momento, precisa desenvolver mecanismos de defesa, “pelos quais se consegue respeitar os preceitos hierárquicos: agir conforme as ordens recebidas, obedecer e proteger-se da ansiedade originada pelo risco de ser pego em erro”(p.101,102).

Enfim, pode-se dizer que na sociedade industrial moderna urbana e de massa o trabalho é objetivamente atividade humana dirigida à produção da riqueza, numa labuta que resulta em sacrifício. Quais as soluções circunstanciais construídas por este mesmo sistema? Fazer o trabalho ser gratificante ou submeter-se a um trabalho incômodo e fazer o resto do tempo ser gratificante.

Essas duas possibilidades não são evidentemente antagônicas, articulando-se de diferentes maneiras. Pode-se imaginar um trabalho extremamente gratificante que quase se confunde com o lazer, como por exemplo, o artístico, o intelectual, o esportivo. Em contrapartida, encontra-se trabalhos embrutecedores, manuais, repetitivos.

Na lógica liberal do socialismo utópico, o que se supunha é que aqueles que exercessem trabalho menos gratificante e necessário para a ordem social, deveriam ter uma compensação. No entanto, o trabalho que constitui a riqueza social é menos valorizado e portanto, menos remunerado e próprio das classes trabalhadoras. Curioso paradoxo: há várias formas de trabalho, mas apenas alguns são trabalhos de trabalhadores. Nesse caso, nem o trabalho e nem outras atividades podem garantir que o resto do tempo seja gratificante. Essa é

a lógica do modelo ocidental moderno. Em contrapartida, aqueles que se realizam através do trabalho podem fazer o resto do tempo ser gratificante. Nesse sentido é possível pensar no tempo fora do trabalho.

Lieberman (1998) entende que “a vida humana não se resume ao trabalho e ao sustento material. Outras dimensões são tão essenciais à qualidade de vida como o alimento o é para a sobrevivência”.

No cotidiano, as pessoas vivenciam diversas atividades, sem muitas vezes darem-se conta delas, seja para sua própria manutenção ou para uma organização coletiva.

Hahn (1994) considera que as atividades de vida diária devem promover um estilo de vida saudável, pois permitem uma organização interior capaz de definir um estilo de vida. Cuidar de si próprio, cuidar da família, cuidar da casa, são situações imprescindíveis que garantem um espaço de relação consigo mesmo e com o outro, no encontro com a afetividade.

O tempo fora do trabalho pode ser entendido também como o tempo livre, voltado para o lazer, para o descanso, para outros investimentos que vão dar suporte a uma organização interna possibilitando experimentar diversas sensibilidades.

Masi (1999) acredita na necessidade de se fundar um modelo econômico e social calcado no tempo livre, que valorize a estética, a criatividade e permita o ócio enquanto uma dimensão prazerosa do cotidiano, como algo que faça parte da vida.

De qualquer forma, tem-se a possibilidade de que o trabalho possa ser uma atividade prazerosa. Assim, é o trabalho entendido como produção subjetiva. Aquele que age como elemento do FAZER que expõe um desejo e uma vontade, significando uma atividade de ocupação do cotidiano que propicia as relações consigo mesmo, com as outras pessoas e com a natureza, resultando em interações.

Esse modelo de trabalho parece ser o mais apropriado para a discussão do grupo em questão, definido neste estudo, já que ele vivencia uma situação profissional caracterizada pelo binômio trabalho-realização pessoal. Para o professor universitário, deve ter existido a possibilidade de opção profissional, de tal sorte que essa atividade possa garantir-lhe satisfação, bem-estar e uma maneira de construir seu próprio mundo.

Nesse sentido, o trabalho subjetivo implica um investimento afetivo calcado numa escolha por um jeito próprio de viver.

Hoje encontra-se uma literatura daqueles que pretendem discutir trabalho e subjetividade. Consideraremos alguns deles.

Para Maximino (1997) “o fazer é sempre um ato social. Os homens se juntam para fazer coisas e o fazer cria um tipo especial de relação, um identificar-se pela ação ou por seus objetivos em comum. Aquilo que é feito, o é em um mundo compartilhado”. O fazer pressupõe um sentido do outro na relação, logo, mesmo que a ação do sujeito tenha por finalidade uma satisfação ou necessidade própria, ela repercutirá num espaço coletivo, implicando mudanças de cunho social. Nessa perspectiva, o trabalho tomaria uma dimensão do prazer, da satisfação, uma vez que possibilita as interações e o investimento afetivo.

França (1997), entende que desde muito cedo a criança vai aprendendo a interagir com as outras pessoas e as coisas do mundo e essa interação é o resultado da ação humana, do fazer, da ocupação, enquanto condição básica de existência.

O trabalho pode ser entendido como uma atividade que dá suporte para o resgate da espontaneidade e da expressão criativa, admitindo-se um investimento subjetivo. Essa dimensão está relacionada com o gosto de viver no sentido de que as pessoas impõem-se ao mundo exercendo diferentes papéis, tomando inúmeras decisões, escolhendo as opções e traçando as suas trajetórias. Ou seja, o indivíduo vai dando uma concretude no seu pensar, sentir, agir e relacionar, estabelecendo-se no mundo através de uma relação de construção e troca.

Para Guattari (1986:34), “a efetuação da vida está relacionada sempre como desejo de construir o mundo numa vontade de potência, que se realiza no encontro com o outro, na alteridade, essa condição de afetar e ser afetado”. Nesse sentido, o trabalho vem a ser a possibilidade de construir relações que possibilitem uma boa *qualidade de vida*.

Pensando *qualidade* do ponto de vista do modelo industrial, ela indica uma otimização dos processos de produção, portanto dos produtos, assim como dos meios de consumir estes produtos, o que garantirá a manutenção do sistema. Em outras palavras, *qualidade* se submete aos interesses do sistema e não as perspectivas pessoais de cada trabalhador.

Por outro lado, pensar *qualidade* a partir do interesse dos sujeitos, implica a possibilidade de encontrar espaços em um momento histórico-cultural, suficientes para satisfação e realização.

No primeiro caso, temos *qualidade* do trabalho, no segundo, temos *qualidade de vida*.

CAPÍTULO II

TRAJETÓRIA – O REGENTE E A SUA ORQUESTRA. AS MÚSICAS QUE EMBALAM OS SONHOS.

O papel do professor universitário da área da saúde

Há sete anos, eu não dava nenhum passo
Quando a um bom médico fui consultar,
ele indagou:-Para que essas muletas?
E eu disse:-Não posso andar.

Ele disse:- Com esses dois trambolhos
a atrapalhá-lo, não é de estranhar.
Pois aude, caia, rasteje, engatinhe,
tenha a bondade de experimentar.

A rir feito um desalmado,
minhas belas muletas apanhou;
quebrou-as nas minhas costas
e, rindo, ao fogo as lançou.

Fiquei bom: hoje eu ando.
Curou-me aquela risada sonora...
Só mesmo às vezes, quando vejo um pedaço de pau,
passo um pouco pior algumas horas.

(Bertolt Brecht)

As concepções de trabalho relatadas por esse grupo de professores universitários da área da saúde, foram entendidas como uma atividade que toma uma dimensão de prazer através de um investimento subjetivo que lhes garante realização. É o modo de perceber e de

estar no mundo, indo ao encontro dos seus desejos. Os professores, ao descreverem o seu papel profissional, vão dando um significado satisfatório dessa relação vida-trabalho.

Nesse estudo, entende-se que a escolha profissional faz parte de uma opção de vida desse grupo e representa um identificar-se com uma atividade para fazer coisas para si e para os outros.

O professor refere que a escolha profissional esteve calcada em alguma coisa envolvente, algo que valesse a pena arriscar, sendo uma concepção daquilo que acredita e que busca enquanto sentido de vida. A maioria revela que existe uma satisfação no desempenho do seu papel profissional, gosta do que faz e define um modo que tem a ver com sua própria subjetividade.

Eu não me arrependo, gosto muito de ter escolhido ser professor universitário ... sempre fui de lidar com gente. Brincava de ser professor desde pequenininho. Eu acho legal, quer dizer, tem a ver comigo. E por outro lado tem essa coisa de ser professor que é um desafio constante; você tem que estar sempre com o aluno, você tem que estar passando, tem que estar se atualizando, tem que estar descobrindo respostas para as dúvidas de outras pessoas que não são as suas. Você tem que ir atrás e conhecer um mundo de idéias e isso eu acho legal.(S17)

Me sinto bem, acho que foi uma escolha apropriada para o tipo de personalidade que tenho. Me sinto feliz, se tivesse que fazer, acho que faria de novo. (S9)

Alguns profissionais referem não terem escolhido a carreira docente e que isso aconteceu acidentalmente, pela disponibilidade do mercado. Porém, a confirmação da escolha profissional fica muito presente nos discursos, o que não a invalida, na medida em que o desejo é reafirmado pela vocação.

Na verdade, eu não escolhi ser professor universitário, foi quase um acaso na minha vida ... Eu comecei trabalhar na universidade muito cedo depois de

formada. Surgiu uma oportunidade de trabalhar na universidade e eu acabei indo. Não foi uma escolha profissional, mas desde a hora que eu entrei na universidade, nunca mais pensei em sair.....(S21)

O professor continua reafirmando a sua opção, uma vez que continua desejando manter o seu papel profissional.

No desempenho da prática educativa, o professor considera que a possibilidade de estar com os alunos estabelece um sentido de responsabilidade que passa necessariamente, pela particularidade do eu, mas que experimenta o desafio da assunção e do comprometimento com o outro. Na universidade, esse desafio está relacionado, na maioria das vezes, à interação com uma população jovem, que chega sem saber muito bem o que está buscando, com muitas dúvidas quanto a sua carreira. Nesse sentido, o professor precisa receber o aluno estabelecendo uma relação de troca e de afetividade.

Trabalho com aluno do primeiro ano. Eles entram precocemente em contato com o ambiente hospitalar, com a doença, com a morte. O papel do professor vai além, ele acaba sendo amigo, conselheiro, mãe... (S6)

Essa possibilidade exige uma postura do professor de acolhimento, de poder perceber as dificuldades do aluno e a sua adaptação para uma rotina de vida nova. O docente sente a responsabilidade de cumprir o seu papel ao dar conta de ajudar o aluno a resolver esses conflitos. Porém, o acompanhamento ao aluno nem sempre é possível e muitas vezes é desconfortável, gerando para o professor uma sensação de não estar dando conta das suas funções ou de sentir-se despreparado para o exercício do seu papel profissional.

Segundo Freire (1997:162) o professor trabalha com as pessoas em permanente processo de busca. “Lido com gente e não com coisas. E porque lido com gente, não posso, por mais que, inclusive, me dê prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno (...).”

A relação que se estabelece com o aluno, parece não estar determinada somente pelo objetivo do ensino/aprendizagem. Esse encontro possibilita para o professor, a renovação das

forças de luta e dos desejos de viver num mundo melhor. Assim, as motivações para o trabalho vão além da experiência profissional, do êxito de uma carreira ou do sucesso pessoal, mas estão permeadas pelas relações que se estabelecem na alteridade

Os entrevistados, ao definirem o papel profissional do professor universitário da área da saúde, criam as imagens que estão permeadas no seguinte contexto:

- o professor como referencial de informação e facilitador do conhecimento;
- o professor como responsável pela formação da identidade profissional do aluno;
- o professor como provocador, estimulando as reflexões sobre o espaço profissional, a carreira, as exigências individuais e coletivas, etc;

A definição do papel de facilitador do conhecimento apontada é no sentido de que ele serve de referência profissional, na medida em que desenvolve a sua prática. É o professor quem domina alguns códigos e conteúdos científicos que devem ser interpretados e utilizados como recursos dinâmicos e interativos e é o aluno que acompanha, recebe, experimenta e utiliza esses conteúdos. Desta forma, é aquele o gerador de informação, facilitador do conhecimento, entendendo que se faz necessário fornecer todo tipo de instrumental para que o aluno se aproprie do seu processo de aprendizagem. Isso significa dar uma direção, favorecendo as possibilidades de descobertas e disponibilidades para as construções de novos pensamentos. Definem o professor como sendo o mediador desse processo, facilitando ao aluno a criação de espaços próprios.

Rivero (1999:44) no estudo a respeito da qualidade de ensino, considera a ação do professor como mediadora da aprendizagem, “não como um técnico que se limita a aplicar corretamente um conjunto de estratégias de ensino e aprendizagem, mas como um profissional que se interroga sobre o sentido e as decisões pertinentes ao conhecimento a ser produzido ...” Ela entende que se faz necessário fornecer todo tipo de instrumental para que o aluno se aproprie do seu processo de aprendizagem, o que significa dar uma direção, favorecendo as possibilidades de descobertas e disponibilidades para as construções de novos conteúdos.

Parte dos entrevistados entendem que o professor universitário não é somente um instrumento que oferece elementos para a aprendizagem e que ensinar não é impor o conhecimento científico pronto e acabado, ditando regras e teorias, fazendo com que o aluno consuma verdades, muitas vezes abstratas.

O professor não é um mero repassador de conhecimentos adquiridos sabe Deus lá quando... (S12)

É mais do que isso, é quem possibilita uma construção ideológica da profissão, conduzindo o aluno a criar um imaginário das perspectivas que nortearão a sua prática profissional. Nesse sentido, esse espaço da produção do saber é ocupado pelo profissional que em contato com as práticas sociais deve ir definindo o conhecimento conforme constrói e destrói modelos.

O professor tem um papel fundamental na construção da identidade profissional do aluno. Acho que ele chega sem saber o que é a profissão, ele está muito distante disso e eu acho que o papel do professor é conduzir uma aproximação mais realista de qual vai ser sua prática profissional. Além disso, fazer com que ele construa um imaginário, um sonho de como é que ele vai atuar.(S24)

O papel do professor provocador significa que na maior parte do tempo ele precisa promover no aluno a dúvida, o questionamento, a curiosidade. Ele ensina o aluno a aprender a aprender, ou seja, a estar sempre pronto para ir em busca da averiguação da realidade, a rever os conceitos e construir outras técnicas, acreditando que não existe nada pronto e acabado.

Nesse ponto de vista, concordam que é uma função importante, mas também difícil, porque não é a cópia de um modelo pré-estabelecido; o professor não imita ou experimenta, mas ele precisa criar um espaço próprio, construir um caminho na medida em que vai vivenciando a sua prática.

Segundo Bachelar (1999:10) “todo saber científico deve ser reconstruído a cada momento”. O professor precisa ter uma postura de que o conhecimento poderá sempre ser reconstruído, na medida em que se investiga cada realidade.

Para o professor estar podendo formar direito o aluno, principalmente na área médica onde o avanço tecnológico é muito grande e os conceitos vão mudando

muito rápido, ele tem que estar centrado numa idéia de motivar o aluno a aprender a aprender, porque o que você ensina daqui três ou quatro anos pode ser uma grande bobagem. (S11)

Coelho (1987:7) considera que “ é preciso, pois, recuperar o saber como reflexão, como pensamento, como dúvida, compreensão crítica daquilo que a experiência do mundo físico e social nos oferece”.

O ensino é definido, como a possibilidade para a reflexão, através do qual, em contato com as práticas sociais o professor vá adquirindo conhecimento. Essa compreensão, por um lado, é instigante porque estimula o profissional a estudar mais, a investir em pesquisas para ter o domínio teórico e prático, amplo e atualizado. Por outro, é uma situação complexa, difícil, que requer mudanças de conceitos e de posturas e por isso ela pode gerar sofrimento. Alguns entrevistados concluem que o professor precisa criar novas formas de ensinar, experimentar diferentes espaços e estabelecer um outro jeito de pensar para ir construindo sua prática.

Você tem que ter isso claro, é uma coisa que não está pronta, é uma coisa gradativa, difícil, de amadurecimento. (S20)

Sendo assim, os grupos assumem o desafio de dar conta desse modelo, embora experimente situações de sofrimento e conflitos. Para alguns professores, esse papel está cada vez mais complexo, porém, o prazer desses profissionais, talvez esteja nesse desafio de construir outras referências, definir novas cartografias e instigar outros desejos que favoreçam um jeito de viver qualitativamente melhor.

A maioria dos professores entrevistados assume uma conduta de se fazer presente na academia, participando da comunidade universitária como um todo e chamando o aluno a seguir este caminho. Esses professores tomam como função da docência, a articulação do ensino com a pesquisa, extensão e administração, com propósito de desenvolver conhecimentos e ações nessas quatro áreas. Referem atuar em diferentes situações, ora enquanto professores na sala de aula responsável por um conteúdo determinado, ora atendendo no ambulatório, desenvolvendo um trabalho assistencial no atendimento à população supervisionando estágio, ora na coordenação de alunos pesquisadores, orientando

monografias, ou mesmo em todas as outras funções administrativas que fazem parte da função docente.

2.1- O papel do professor na atividade de ensino

Os entrevistados consideram que o professor universitário da área da saúde é terapeuta e por isso ao exercer o papel da docência, experimenta uma situação peculiar que exige o desempenho do seu papel terapêutico como referência para a situação da aprendizagem. Ele ensina através da prática, ou seja, é o atendimento que vai dando suporte para as reflexões do conteúdo teórico.

Este duplo papel professor /terapeuta parece ser uma particularidade dos profissionais da área da saúde. Trabalhos na área da educação, por exemplo, que estudaram este assunto não relatam questões desta natureza, o que reforça a hipótese desta ser uma das especificidades dos professores dessa área.

O processo ensino/aprendizagem vai ser contextualizado por uma situação que vai além da relação entre professor-aluno, envolve um outro ator singular: o paciente¹. Esse terceiro elemento diferenciador do processo vai ser um dos referenciais, um dos instrumentos provocador da aprendizagem.

Na atuação clínica, o professor está frente à situações de emergência que demandam um controle e uma postura capaz de resolver os problemas do paciente. Na relação que se estabelece com ele, pressupõe-se, antes de mais nada, um compromisso de entender o seu sofrimento atuando para diminuir ou sanar essa dor. A relação terapêutica implica, em estabelecer o vínculo para sentir e perceber a dor do outro, depois, agir no sentido de dar uma resposta imediata e precisa ao pedido do paciente.

O professor da área da saúde é terapeuta. Assim, ao mesmo tempo em que ele desempenha esse papel, precisa dar conta da docência, do aluno que vai se instrumentalizando e construindo sua identidade profissional, diante de uma interação real.

¹ O termo paciente foi usado neste estudo, significando cliente ou usuário do serviço.

A formação do professor clínico, diz Perrenoud (1993:130) “é essencialmente através da prática. Mas não uma prática qualquer. Uma prática enquadrada, bem organizada, para que os problemas a serem resolvidos estejam à altura das pessoas em formação. Os professores entregues a si próprios no momento da sua primeira experiência prática dizem, sem custo, que aprenderam por tentativas, através de uma sucessão de ensaios e erros... “.

A diferença entre esses professores e outros das diversas áreas, talvez seja a urgência de uma ação, cujos conhecimentos juntam-se imediatamente num sentir e agir. É a prática viva estabelecida numa relação com o outro que exige uma resposta precisa para garantir a preservação da vida.

Uma outra questão levantada é que o professor, embora disponha de meios teóricos para atender o paciente, na prática exige-se uma postura de enfrentamento do desconhecido. Ou seja, os modelos prontos, pré-estabelecidos que condizem em aplicar puramente uma teoria, nem sempre refletem as reais necessidades do paciente. As pessoas são diferentes, com histórias de vidas íntimas e essencialmente particulares e por isso mesmo, precisam ser consideradas e compreendidas dessa forma. O entendimento da doença implica a compreensão do sujeito doente, estando centrado no significado de que o indivíduo é um ser bio-psico-social.

O papel terapêutico determina um desejo no paciente de que o profissional possa resolver o seu problema e isso implica fazer opções. Essa situação nem sempre é tranquila, as vezes, o terapeuta pode ajudar o paciente a diminuir o sofrimento ou evitar que ele se intensifique. Porém, há situação em que o paciente se encontra num conflito e o terapeuta para tentar ajudá-lo, precisa que ele continue ali porque é a partir desse sofrimento que ele vai buscar alternativas para resolver o seu problema. Ele vai encontrar “saídas” superando o conflito e resgatando a alegria e o gosto pela vida.

A conciliação do papel terapeuta-professor é complexa e está delimitada por uma multiplicidade de sentimentos. O professor diz que tem prazer quando está com o aluno atendendo as necessidades e aos desejos do seu paciente. No entanto ele se frustra quando não consegue resolver os problemas do paciente, fica indeciso, confuso, não sabe que rumo tomar para garantir-lhe uma qualidade de vida. Ou ainda, na tentativa de resolvê-los, impõe-se uma situação desconfortável que faz o paciente passar por momentos de sofrimento, de espera, de angústia que inevitavelmente também vai ser vivenciado pelo professor. Nessas situações, o

aluno está presente, observando diretamente a conduta do professor, apoiando ou discordando da sua ação.

Esse duplo papel, exige um duplo esforço: de um lado pelos pacientes que esperam do terapeuta, um conhecimento apurado técnico-científico capaz de solucionar o seu sofrimento. Do outro, pelos alunos que desejam obter uma aprendizagem capaz de garantir uma boa formação profissional, que viabilize a sua conduta prática. Essa exigência implica a garantia de que o processo ensino-aprendizagem seja suficientemente capaz de diferenciá-lo na disputa pelo mercado de trabalho.

Os modelos e práticas pedagógicas utilizados pelos professores da área da saúde estão articulados na base científica do exercício profissional. A questão é que esse professor, via de regra, não teve uma formação didática com o objetivo de prepará-lo para a docência. Na maioria das vezes, ele vai construindo a sua própria didática, seguindo os modelos que conheceu como aluno e na sua própria experiência como professor quando vai selecionando os instrumentos que considera facilitador do processo ensino-aprendizagem.

Batista (1997:33) em seu estudo sobre a formação do professor de medicina, conclui que “na maioria das vezes, o professor de medicina é contratado, tendo como critério apenas a qualidade do seu desempenho como profissional ou pesquisador. Fica implícito que a competência profissional ou acadêmica assegura a competência didática. Ao contrário de algumas outras áreas, não se exige formação sistematizada que instrumentalize sua maneira de conceber e desenvolver o processo ensino-aprendizagem”. O autor entende que o papel da docência para o professor da área da saúde, acaba sendo secundarizado, uma vez que a exigência maior é dada para a sua competência e para o domínio da área especializada.

Na verdade, considera-se que a maioria dos professores entrevistados demonstra a preocupação em encontrar formas possíveis de se garantir a formação do aluno. Nesse sentido, existe a expectativa de poder formar profissionais comprometidos com as necessidades do homem no seu tempo, que sejam capazes de promover mudanças sociais.

... você está tendo a oportunidade de formar trinta ou mais profissionais que vão estar lá fora, que vão atuar na comunidade, colocando a mão na massa ... e tem que ser gente boa.(S14)

Assim, a intervenção pedagógica extrapola as características pessoais de competência profissional e domínio da área especializada, fazendo-se presente no papel de formador, tendo a possibilidade de investir no indivíduo para que ele possa se articular numa rede de dimensões que permeia a função social

Germano (1999) analisa as relações entre os profissionais da saúde e seus clientes/usuários/pacientes, enfocando as dimensões humanas e sociais no exercício dessa profissão, onde o fazer técnico demanda de um comportamento ético numa relação com os direitos humanos, com o sofrimento, a dor, a incapacidade, a morte. Considera que o profissional da saúde lida necessariamente com as dimensões da vida numa vontade de potência, que poderá estar diminuída por diversos fatores como a fome, a miséria, as condições de moradia, a violência, a exploração do trabalho, a tolerância, as desigualdades sociais, etc. De qualquer sorte, ele está diretamente envolvido nesse contexto e precisa perceber o outro diante dos fatos reais.

Nessa dimensão, o professor tem a responsabilidade de ensinar a pessoa a ser, a saber fazer, a ter uma atitude construtiva e participativa, uma postura ética comprometida com os problemas significativos que exigem uma racionalidade prática e uma atuação efetiva. Tem o desejo de proporcionar ao aluno um processo que seja capaz de permitir uma reflexão crítica sobre sua ação, ou seja, repensando formas de comunicação e de intervenção nos serviços de saúde, para criar alternativas que proporcionem espaços instituintes de cidadania.

Ao lado desse cenário, exigem-se respostas de como é possível garantir um planejamento de atividades didáticas que favoreçam a prática do ensino/aprendizagem.

Na prática, considera-se que o aluno está submetido a uma rede de informações e que a partir da sua aproximação com o objeto concreto, ele vai construindo o conhecimento. A aproximação do aluno com o objeto possibilita vivenciar uma multiplicidade de elementos integrados: o corpo, os conhecimentos, os sentimentos, ou seja, o homem todo em ação tentando captar a subjetividade do outro. A situação exige que cada um viva sua própria experiência de estar com o outro, de perceber o outro, frente ao medo do estranho, do desconhecido, ou seja, do paciente e da sua história. Assim, o conhecimento vai ter que ser construído e organizado a partir dessa situação complexa.

Essa dinâmica favorece a articulação dos conhecimentos antigos com a construção dos novos, possibilitando a articulação ensino/aprendizagem, conhecimento formal/conhecimento do cotidiano, pensamento/sentimento. A aprendizagem será possível quando existir uma confrontação dos conhecimentos já estruturados com os novos, o que permitirá a elaboração de novas representações a partir do processo de mudança conceitual.

Gosto de ser professor, de estar envolvido na formação profissional. Minha área é Ginecologia e Medicina Interna. Eu participo de colocar o aluno no começo da clínica médica. Isso é muito interessante, mas desgastante também, posto que é quase uma relação de um para um. Você vai mostrar não só a técnica do exame físico como o conhecimento físico patológico dos sinais e sintomas, mas principalmente você vai formá-lo para ele entender a relação com o doente, de lidar com a vida e a morte. (S11)

Na prática, o modelo pedagógico vai ser construído a partir de técnicas que estabeleçam relações entre os conhecimentos básicos e os profissionalizantes, podendo favorecer um modelo de educação reprodutiva, na manutenção do modelo hegemônico ou então, induzir à reflexão e à possibilidade de garantir outros espaços que impliquem a triangulação entre conhecimentos, habilidades e atitudes do professor e do aluno.

Para Pimentel (1992:53), “na situação terapêutica não se fragmentam conhecimentos. Ao contrário, tudo quanto foi aprendido anteriormente na Física, Química, Biologia, Neurologia, Patologia, Pneumologia, Farmacologia, não é mais conhecimento abstrato. Relaciona-se com o Homem e a Vida, no doente e no estudante, cujos conhecimentos juntam-se agora, ao seu sentir e agir. Constrói-se mais conhecimento novo, diante daquela realidade”. Considera que o professor precisa criar uma dinâmica de trabalho que facilite essa aprendizagem, entendendo que a atividade prática possibilita um espaço de produção de conhecimento, tanto para ele como para o aluno, quando a partir da aproximação do objeto concreto, vivenciam dimensões relevantes do exercício profissional.

A possibilidade da inserção dos alunos em atividades práticas, em espaços de trabalho assistencial e técnico-laboratorial, favorece uma atuação do seu papel profissional quanto as questões éticas, de relacionamento com a equipe multidisciplinar, dos limites e dificuldades no manejo de situações concretas de trabalho e de relacionamento com o paciente. Nesse sentido,

o aluno tem a oportunidade de perceber sua ação, podendo refletir sobre seu papel profissional, alterando sua percepção de assistência à saúde.

A prática é também uma disciplina onde ao mesmo tempo que você pratica a Terapia Ocupacional, você atende a população. Eu trabalho com crianças no Ambulatório de Terapia Ocupacional, então ao mesmo tempo que você tem que atender, avaliar as crianças, tem que estar estudando, conhecendo o caso novo e dando a solução, paralelo a isso, o aluno está junto com você e você tem que estar transmitindo, discutindo, ajudando-o a compreender, procurando que eles reflitam com você e formem uma opinião sobre o caso.(S17)

Essa situação de ensino, implica estabelecer um outro espaço para a aprendizagem, tanto do docente como do aluno. Para o professor, torna-se diferente a visão arraigada de uma aprendizagem atomizada, fragmentada, em que ele se encontra num lugar solitário, cujo domínio lhe confere a legitimação da certeza e da verdade. O aluno, por sua vez, torna-se passivo, quer estuda a matéria para a prova, tendo o objetivo de ir vencendo os créditos para conseguir o seu diploma. A mudança de modelo requer um outro pensar a educação, que implica vivenciar outras dimensões do exercício profissional. Entretanto, essa situação não é tranquila.

Uma coisa que eu queria abordar é sobre a dificuldade de ser professor, porque a gente tem uma estrutura de ensino que levou sempre nessa coisa de que estudar é ir para a escola e saber, repetir tudo o que ouviu na aula, escrever tudo na prova e tirar nota... Hoje, o professor tem um outro papel. Ele vai ajudar o aluno se formar, dar informação, criar um espírito crítico, criar dúvidas, desestruturar seus pré-conceitos, suas raízes, fazer repensar. Eu vou te dar um monte de coisas, eu, os outros professores, a vida, os pacientes, a universidade, mas é você que vai ter que criar o seu conceito, a sua opinião. As vezes fica difícil dos alunos perceberem que não tem receita pronta, que é preciso pensar receitas, construir receitas. É difícil os alunos entenderem que quando estou falando não sei como fazer, a gente tem que pensar nisso e naquilo, eu estou sendo sincero e estou ensinando...(S17)

Ela tem a ver com a mudança de paradigmas, na busca de um novo modelo em que o aluno possa passar de mero observador do processo para construtor e é o professor quem pode também, favorecer essa referência.

2.2 - O papel do professor na atividade de pesquisa

Os professores entrevistados entendem que as articulações ensino/pesquisa aparecem como atividades que devem ser associadas no caminho acadêmico e que, na verdade, estão diretamente ligadas ao trabalho de extensão.

A academia tem valorizado muito a função do professor pesquisador e nas universidades públicas o profissional é contratado em período integral para garantir a sua produção científica. Nas outras escolas, a exigência também aparece, porém nem sempre fica preestabelecido este vínculo. Alguns discursos remetem a própria exigência do Ministério da Educação.

*A nova L.D.B prevê a importância da pesquisa enquanto atividade acadêmica.
A gente tem aqui 20 hs reservadas para a pesquisa. Eu estou sempre envolvida
nessa atividade. Passo várias horas da minha semana com pesquisa, todo ano.
Por conta disso tenho muitos bolsistas, alunos na iniciação científica...(S21)*

Nesse sentido, a academia possibilita a construção de novos conhecimentos uma vez que abre espaço para os pesquisadores desenvolverem os seus projetos, favorecendo a oportunidade do aprimoramento formal e de certa forma, exigindo um desenvolvimento tecnológico que possa beneficiar a comunidade.

Por outro lado, a pesquisa pode ser entendida como um modelo de educação, fazendo parte do processo ensino/aprendizagem, num contexto de formação do aluno, diferente do modelo da racionalidade técnica. Esse modelo, segundo Schön (in Nóvoa:1998) é sobretudo da prática instrumental dirigida para a solução de problemas mediante a aplicação rigorosa de teorias e técnicas específicas. Trata-se, portanto, de uma concepção epistemológica herdada do positivismo.

Alguns professores entendem que o conhecimento técnico aplicado deve garantir as resoluções dos problemas emergidos na prática, ou seja, o profissional, frente aos problemas concretos, vai aplicar seus conhecimentos técnicos para poder diagnosticar a situação e, a partir daí, deve assumir uma atitude para dar conta de solucioná-los. Desta forma, o conteúdo técnico necessariamente não é o suficiente para uma intervenção efetiva até porque o modelo de racionalidade técnica apresenta limites, às vezes significativos frente à tecnologia científica.

Para eles, o processo formativo é complexo e múltiplo e não se esgota em um curso ou ao final de cada período de estudos, de fato é um processo de formação permanente. Nesse sentido, deve ser considerada a prática diária na qual o professor defronta-se com múltiplas situações para as quais não encontra respostas determinadas, precisando ir além das regras e teorias.

De acordo com Gómez (in Nóvoa, 1998: 110) “nas situações decorrentes da prática não existe um conhecimento profissional para cada caso-problema, que teria uma única solução correcta. O profissional competente actua reflectindo na acção, criando uma nova realidade, experimentando, corrigindo e inventando através do diálogo que estabelece com essa mesma realidade”.

Alguns professores compreendem a relação ensino/pesquisa nessa direção.

Na universidade o professor tem que tentar criar esse espírito nas pessoas, desenvolver a postura de pesquisa, a postura curiosa...Cada paciente que você veja, por exemplo, você tenha aquela atitude imediata de vou querer saber mais, vou procurar mais informação, vou ampliar a minha visão da coisa e não só para aplicar o conhecimento, mas para dar uma resposta. (S17)

Fagundes (in *Geraldi:17*) comenta em seus estudos que o ensino e a pesquisa são funções constitutivas da universidade e deveria ser entendida como um componente do processo de inserção da formação do profissional.

Na área da saúde, a pesquisa está articulada com a atividade de extensão, uma vez que o campo prático é um caminho natural da observação e da investigação.

Sendo assim, a postura política do profissional da área da saúde fica dividida entre: atuar conforme o modelo determinante ou, na medida do possível, garantir outros espaços tomando o ensino como um processo de pesquisa em que vai se construindo o modo de se fazer saúde.

... a gente está o tempo inteiro produzindo um jeito novo de fazer saúde, um jeito novo de ensinar, de operar com as relações professor/ aluno/ cliente/ trabalhadores de saúde. (S10)

2.3 - O papel do professor na atividade de extensão

As atividades de extensão definidas pelos entrevistados diz respeito não somente àquelas que englobam os serviços de assistência, mas a todas as prestações de serviços realizadas na comunidade e que estão articuladas ao papel terapêutico do professor da área da saúde.

É também o trabalho de assessoria, de consultoria, enfim, é a utilização dos conhecimentos produzidos aqui dentro para fora da universidade. (S14)

Para alguns professores, a proposta de associar ensino/pesquisa/extensão configura uma dimensão que transcende os muros universitários.

Segundo Geraldi (1999) a perspectiva de serem associadas a pesquisa e a extensão ao ensino implica trabalhar com as reais necessidades sociais, já que o professor toma como sua responsabilidade a produção de novos conhecimentos com a intenção de que é possível sempre achar um jeito novo de se fazer saúde para melhor atender a demanda..

Para Bagnato (1999:11), são diversos os desafios dos profissionais da área da saúde, levando em consideração seus papéis sociais, político e educativo, no contexto atual: “há que se considerar a dinâmica da nova ordem mundial, mas as práticas, os compromissos e as escolhas teórico-metodológicas vão definir atitudes que implicarão no processo da trajetória

do profissional. Fazemos escolhas por determinados caminhos, deixando à margem outros e entendemos que é imprescindível ter clareza das consequências de nossas opções(...)”. Ela acredita que é preciso estar sensível para compreender que os profissionais da saúde lidam com a realidade atual, contextualizada e só se pode dar respostas efetivas às necessidades e demandas ao se assumir um compromisso político profissional.

Alguns profissionais entendem que a função educativa do papel do técnico de saúde implica sim assumir uma postura política profissional. Consideram que as atividades práticas assistenciais estão voltadas para o atendimento direto da população e o profissional está diretamente envolvido nessa realidade que é atual e concreta. Sendo assim, ele assume uma postura para dar conta dessa realidade, fazendo opções e definindo condutas, estabelecendo um papel político educativo.

Nesse sentido, o profissional vive a contradição do modelo da sociedade contemporânea que aponta para o referencial hegemônico do processo saúde-doença, exigindo-lhe uma atuação de executores de tarefas e de técnicas e aceitando a definição externa das metas da sua intervenção.

Segundo Germano (in Bagnato, 1999:44) “na prática, o conhecimento especializado tem sido cada vez mais enfatizado, chegando mesmo a representar o paradigma hegemônico na saúde(...) Por outro lado, as medidas preventivas são secundarizadas, pois dentro dessa lógica, competência não se identifica com prevenção, mas sobretudo com tratamento curativo, consumo tecnológico. Em decorrência, tais ações profiláticas não são estimuladas e terminam por serem sub utilizadas além de consideradas de menor relevância”.

De acordo com Batista (1997): 31) “a escola médica que se tem, mostra na descrição do processo de formação de alunos, a hegemonia absoluta dos conteúdos programáticos que permitem a compreensão do processo saúde-doença centrado no indivíduo biológico”.

De qualquer modo, entende-se que o grupo tem um modelo de formação centrado nessa perspectiva, mas existe um desejo, da maioria, de tomar a prática como objeto de análise definindo um panorama propício para práticas de formação permanente.

2.4 - O papel do professor na atividade administrativa

Esse papel apresentado pelos grupos diz respeito a duas situações: a primeira, quando o professor toma a responsabilidade de fazer parte da estruturação e organização do ensino na universidade e a segunda que vem do cumprimento das tarefas administrativas advindas de seu cargo.

Na primeira situação, a função administrativa faz com que o professor assuma papéis internos, como de gerenciamento, coordenação de curso, núcleos de pesquisa, chefias de departamento, representante nos órgãos colegiados, participação, organização de eventos, reuniões, etc.

São todas as funções necessárias e obrigatórias para o funcionamento administrativo do curso. (S3)

Essas atividades, de certa forma, determinam um espaço político, uma vez que o professor ao desempenhar uma função administrativa está participando da construção de um modelo. Assim, a possibilidade de coordenar um curso, chefiar um departamento, entre outras funções, parece ser uma oportunidade de marcar uma presença no espaço universitário.

Eu acredito que uma das funções do docente é se fazer presente na comunidade universitária, é a gente tomar parte tanto das situações mais culturais como os eventos que a própria universidade organiza, como os encargos que exigem maior responsabilidade, como tomar parte dos vários conselhos decisórios. Enfim, onde a gente tiver oportunidade de ter acesso, pode ter certeza que um de nós vai estar lá. (S2)

A segunda situação está focalizada na estrutura universitária em que sua organização interna demanda uma série de tarefas que fazem parte do papel do professor universitário.

Na visão de alguns sujeitos da pesquisa, o professor, na atividade de ensino, toma o papel de coordenador da sua disciplina, sendo responsável pelo conteúdo programático e pela

metodologia a ser aplicada no decorrer de cada curso. Essa função demanda todas as atribuições administrativas que o cargo lhe confere: preparar a aula, avaliar o aluno, etc.

Nas duas situações, a representação do grupo é de que faz parte da docência o papel social e político de participar e estar envolvido na área administrativa do ensino. O desejo do professor é de transformar, flexibilizar, operar as ações, na intenção de buscar alternativas para a resolução dos problemas do dia- a- dia sem muita burocracia.

CAPÍTULO III

CAMINHOS E DESCAMINHOS AFINAM E DESAFINAM

As dificuldades do papel profissional.

A idéia de universidade remete uma imagem do que essa instituição representa na vida das pessoas. Se por um lado ela está subordinada às regras e ao poder do Estado, por outro, ela cumpre uma missão, o que acarreta um duplo desafio, frente à sociedade e ao próprio Estado.

De acordo com Santos (1996:187) “a universidade confronta-se com uma situação complexa: são lhe feitas exigências cada vez maiores por parte da sociedade ao mesmo tempo que se tornam cada vez mais restritivas as políticas de financiamento das suas atividades por parte do Estado...ela passa por uma crise de legitimidade e de hegemonia. A crise de legitimidade ocorre, assim, no momento em que se torna socialmente visível que a educação superior e a alta cultura são prerrogativas das classes superiores, altas. Quando a procura da educação deixa de ser uma reivindicação utópica e passa a ser uma aspiração socialmente legitimada, a universidade só pode legitimar-se fazendo-a. Por isso, a sua função tradicional de produzir conhecimentos e de os transmitir a um grupo social restrito e homogêneo, quer em termos das suas origens sociais, quer em termo dos seus destinos profissionais e de modo a impedir a sua queda de status, passa a ser duplicada por estoutra de produzir conhecimentos a camadas sociais muito amplas e heterogêneas e com vista a promover a sua ascensão social. Daí a implicação mútua da crise de hegemonia e da crise da legitimidade: o tipo de conhecimentos produzidos (questão de hegemonia) tende a alterar-se com a alteração do grupo social a que se destina (questão de legitimidade)”.

O sistema educacional está inserido ao sistema sócio-econômico definido em cada época. Até então, cabia ao Estado, prioritariamente, o papel de produzir conhecimento. Na medida em que a educação passa a não ser mais um privilégio da classe alta, tem-se a necessidade de conter a demanda e de produzir conhecimento para esse grupo social. Essa

situação vai determinar a reestruturação estatal, tendo que se firmar para dar conta do novo propósito, que vai dividir com o ensino particular a sua missão.

Segundo Cunha (1995) foi a partir dos anos sessenta, com a expansão do ensino superior que os grupos socialmente desprivilegiados começaram a ter acesso à formação universitária, porém as vagas pertenciam às escolas particulares. Isso não alterou significativamente os padrões da desigualdade social. Foi uma forma que o Estado encontrou para lidar com as reivindicações da classe estudantil e de certa forma com as necessidades do sistema capitalista, que solicitava a qualificação da classe trabalhadora.

O modelo econômico determina, então, a política educacional.

Para Spink (1985:25) “pensar hoje a universidade fora da produção capitalista é o mesmo que pensar a ilha fora da água”.

Germano (in Bagnato, 1999:44), afirma que o sistema educacional assume uma dimensão instrumental, visto que desenvolve uma política de emprego, onde a escola tem um papel fundamental que é o de formar profissionais para o mercado de trabalho. Nesse sentido, ele serve fundamentalmente para criar mão-de-obra qualificada, atribuindo à educação a autonomia para resolver a questão do desemprego.

Assmann (1998) diz que situar a equação educação/empregabilidade é poder dizer que as propostas de implementação das políticas públicas não têm garantido que a dinâmica do mercado obedeça às prioridades sociais.

A universidade assume, então, o papel de produto industrial e como consequência estabelece uma organização do mundo do trabalho voltada para o modelo capitalista.

Nesse sentido, os professores apresentam a imagem de uma escola em que as funções são burocratizadas, o corpo administrativo, na maioria das vezes, está cindido do corpo técnico, distante da realidade da vida universitária, as mudanças e as rupturas podem acontecer a qualquer tempo e em diversas condições, mesmo que instiguem a despersonalização do modelo educativo. Na medida em que algumas reformas forem estabelecidas, conseqüentemente, o grupo de trabalhadores fica submetido a essas mudanças.

Esta universidade está passando por uma fase de reformulação e está caminhando no sentido de diminuir a relação entre professor e

administração...Hoje não tem mais eleição, nem para reitor, nem para diretor de centro, nem para coordenador de curso. Todo mundo é indicado de cima para baixo...não tem mais reunião do Conselho Universitário para que pudesse estar estreitando essa relação com a administração... a gente não consegue discutir os projetos e nem uma série de coisas. As decisões são tomadas e nós somos simplesmente informados... (S17)

O retrato, acima referido, aponta a imagem de uma instituição privada, que bloqueou o seu papel educacional. Alguns professores entrevistados referem que a universidade deveria ser um espaço facilitador para viabilizar o modelo democrático, uma vez que dispõe de material humano altamente competente e de uma elite tecnicamente preparada. Mas, ao contrário, acaba sendo um lugar limitado, com as estruturas fechadas, copiando o modelo político ideológico predominante.

A referência da universidade privada é da dificuldade de interação com a política administrativa, que tem interesses potencialmente diferentes do corpo docente. Porém, em algumas escolas públicas, a situação é semelhante, já que o poder de governar fica atrelado a um discurso político inatingível na sua prática e repete a organização hierárquica das ações estatais.

Algumas universidades (tanto pública como privada) estabelecem uma estrutura organizacional em que alguns cursos ficam atrelados a outros, hierarquicamente defendidos e constituídos, dentro de um modelo rígido e incondicional, não facilitando as intersecções das ciências e os encontros interdisciplinares. Sendo assim, alguns cursos estão isolados e à margem do processo.

Esta universidade é basicamente um modelo religioso de hierarquia. É muito complicado e acho que o problema da administração da universidade é um absurdo, você não tem agilidade, tudo é extremamente lento...(S6)

A gente tem uma relação de muita dependência com a Faculdade de Medicina, não somos uma unidade, nem somos um departamento ainda. Então isso faz com que a gente não tenha nenhuma autonomia administrativa. Todas as nossas questões são lidadas com a chefe de um departamento que é muito

distante da gente. Para o diretor se sensibilizar com as nossas questões é muito complicado.. então a nossa inserção é muito marginal e isso acaba criando, no dia a dia, muitas dificuldades...(S21).

Para esses professores o papel universitário vai perdendo a sua força no sentido cultural, político, social e humanitário que valoriza a formação do homem como um todo, os seus conhecimentos, a sua habilidade para pensar, reinventar novas formas de valorizar a vida e de interagir com as pessoas e as coisas do mundo.

Entendem que os docentes, estudantes e funcionários não são valorizados no sentido de investirem para a constituição de uma comunidade universitária, com uma força interior capaz de repensar alternativas para as mudanças e achar saídas para reconstruírem o seu papel. Pelo contrário, esse modelo possibilita a contradição, numa prática que traduz a não interação das ciências, a não valorização do senso comum e a centralização do ensino.

Eu diria que os problemas que a gente pode ter, são problemas que toda instituição, de alguma forma promove. As instituições hoje são montadas de certa forma a exercer um nível de pressão e de insatisfação nas pessoas que trabalham, que muitas vezes acaba gerando um conflito horizontal, uma competição, uma tentativa de distribuir a insatisfação entre os pares.(S16)

Os professores entrevistados concordam com a idéia de que a situação universitária é um reflexo da política desenvolvida pelo atual sistema capitalista., em que a instituição acadêmica fica subordinada a um poder e a uma ordem centralizadora, sem dar conta do seu papel social. Porém, se o sistema capitalista tenta induzir uma imagem descontínua, na prática o professor tem a possibilidade de repensar sua ação.

De acordo com Schön (1992), o processo ocorre pelo conhecimento, reflexão na e sobre a ação, ou seja, o conhecimento na ação manifesta-se no saber fazer. A reflexão na ação pressupõe o diálogo, a interação com a situação problema e que vai exigir uma intervenção. A reflexão sobre a ação é posterior, através da análise das características e dos processos da ação.

Nesse sentido, alguns professores referem o desejo de poder repensar a sua ação e participar da construção de uma comunidade científica que tenha espaço para fazer proliferar as comunidades interpretativas. Assim, ao mesmo tempo em que os indivíduos vivenciam suas práticas na interpretação da realidade social, existiria um espaço organizacional que possibilitaria as inter-relações, um espaço que provocasse amplas oportunidades de investigação e de ensino no sentido de configurar o saber que proporciona através da oportunização da discussão transdisciplinar entre as ciências naturais, sociais e humanas. Acreditam ser possível construir um lugar para a reinvenção, a criação e a construção do conhecimento onde a dinâmica da vida esteja presente.

De qualquer sorte, esse desejo se traduz numa luta, as vezes interna, outras mais coletivas, mas caracterizada por um sentimento de insatisfação no exercício da docência.

Uma outra questão apontada, ainda referente ao modelo político, diz respeito à organização dos currículos para poder atender à demanda, frente às necessidades de adequação do ensino ao grupo social a que se destina.

Em algumas escolas particulares, encontra-se uma situação relevante da reestruturação de alguns cursos que tiveram que reduzir sua carga horária para poder atender às necessidades financeiras dos alunos, bem como garantir a clientela. Para o aluno, ao mesmo tempo que necessita investir na sua formação profissional, tem uma história real de luta pela sobrevivência em que o salário é quem garante essa aspiração social. Nesse confronto, ele só pode arriscar seguir esse caminho se assumir os dois papéis. Para o professor, muitas vezes, a mudança curricular implica priorizar algumas atividades, que têm sido preferencialmente as de cunho teórico. Essa estrutura acadêmica tem-se legitimado por um espaço e um tempo despotencializadores, em que o professor fica praticamente atrelado à sala de aula e o aluno submetido a não mais que a própria aula. Nesse sentido, as queixas de alguns professores aparecem como a falta de disponibilidade do aluno para poderem desenvolver outros projetos, como os de pesquisa por exemplo.

O aluno fica pouco na universidade e quando fica, ele não tem uma vida universitária, ele não se envolve com qualquer outra coisa, senão com a própria aula. (S23)

Outra dificuldade apontada é que a diminuição da carga horária pode sobrepor disciplinas, ou seja, as aulas práticas estão sempre prejudicadas pelo motivo da rigidez do horário que não prevê as intercorrências das situações terapêuticas. O atendimento com o aluno impõem uma série de situações imprevisíveis, desde a ocupação de um espaço onde o paciente está institucionalizado, a própria situação da pessoa doente, o aluno com as suas necessidades para conseguir estar envolvido no processo terapêutico, etc Sendo assim, as intercorrências não sendo consideradas, acabam dificultando a atuação do professor.

As aulas práticas são interrompidas para o aluno ir assistir outra disciplina. As vezes, estamos no hospital com o paciente e não podemos largá-lo, deixar a coisa sem terminar. O professor tem que assumir o papel do aluno, isso atrapalha, quebra a relação. (S6)

O professor acaba convivendo com uma situação conflitante, uma vez que precisa atuar de uma forma que não condiz com o modo de ensino que acredita ser importante para tornar o aluno mais competente. Ao contrário, diz respeito apenas ao cumprimento de créditos.

Nesse sentido, diversas situações confirmam as dificuldades que o professor enfrenta no seu cotidiano: a acomodação do aluno que não se dispõe para o empreendimento acadêmico, o modelo de contratação trabalhista do professor, a própria organização acadêmica que confere ao professor diferentes papéis com diversas incumbências e responsabilidades que, as vezes dificultam seu desempenho direto com o aluno.

Os professores das instituições particulares querem uma permanência maior na universidade, o que possibilitaria uma melhor convivência e oportunidades profissionais para ações em conjunto. Referem que pela forma de contratação precisam criar mecanismos para que na própria aula possa se dar os encontros, as discussões e as reflexões.

Quem trabalha com hora-aula tem esse problema que é o da pouca permanência com as pessoas...(S15)

Os professores das escolas públicas criticam essa forma de contratação, referindo que esse modelo quantifica o rendimento do professor pelas aulas ministradas. Consideram ser mais uma contradição, uma vez que o professor universitário da área da saúde assume outros papéis que vão determinar suas competências.

Não concordo com esse sistema de hora-aula porque é incoerente, o professor não faz só isso. E as outras coisas que o professor faz são menos pontuadas, se é exigido dele ensino, pesquisa, extensão e administração, então porque isso tudo não tem o mesmo peso? (S13)

...então pesquisa vai ficar de lado, o que vai valer é quantas aulas eu vou dar. A gente acabou de ter uma amostra, que depois de uma greve horrorosa de cento e poucos dias, sobrou como benefício dessa maravilha, o tal do GEDI, que o pessoal chamou aqui de taxímetro, porque ele mede quantas aulas o professor dá por semana para ver se no final do mês ele pode ou não receber essa verba.(S12)

Nessa instituição pública, o grupo de professores teve a experiência de receber por aula administrada, quando na situação de greve conseguiram o acordo da continuidade de recebimento do salário nesse período. Essa situação levou-o a considerar que o contrato que prevê a dedicação exclusiva, possibilita o professor a ter maior disponibilidade para desenvolver o seu trabalho. Implica também em favorecer uma melhor organização do grupo para o desempenho dos seus papéis. Alguns professores concordam que essa situação tem potencializado os encontros para as discussões internas, como organização das disciplinas, dos programas e algumas trocas de experiências. Diferentemente nas escolas particulares onde os profissionais precisam arrumar tempo para dar conta desse encargo. Mesmo assim, para ambos os grupos (da universidade pública e da universidade privada) a possibilidade desses encontros não têm favorecido discussões transdisciplinares que sejam capazes de provocar mudanças organizacionais e estruturais criando possibilidades de repensar as ações acadêmicas.

A falta de investimento que possa assegurar financeiramente o planejamento e o desenvolvimento das atividades acadêmicas é apontada hegemonicamente pelos professores. A

situação é complexa e acaba exaurindo a responsabilidade universitária, uma vez que diz respeito às condições e oportunidades de ensino, oferecido à população.

O professor fica desamparado na prática, limitado nas suas ações e constrangido pela situação. Necessariamente, vai exigir-lhe habilidade para poder intervir da melhor forma possível, tendo a certeza de que não é a atitude mais adequada, apenas, é a conduta possível.

A tecnologia avança a passos gigantescos. Na área da saúde muito mais e onde é que eu vou buscar isso tudo aqui, para que pelo menos os alunos vejam isso? O nosso hospital, por exemplo, não tem uma U.T.I. equipada nos moldes ideais para que o aluno aprenda ser enfermeiro numa U.T.I. Então acho que a dificuldade financeira, material, é a maior que a gente tem para desenvolver as atividades com os alunos. Neste curso, a gente tem que ir vendo como é que se pode dançar. (S12)

O professor subsiste à ambigüidade: se por um lado sente-se responsável para formar profissional habilitado e que possa competir no mercado de trabalho, por outro, não concorda que as condições de trabalho oferecidas possam alcançar esse objetivo. Entende que a velocidade da transformação do conhecimento e as novas demandas para a formação de profissionais acabam frustrando expectativas, uma vez que a universidade, talvez, não esteja preparada para garantir um ensino competente. Por exemplo, a falta de atualização dos procedimentos técnicos, o número de laboratórios insuficientes ou inexistentes, a falta de equipamentos e com recursos técnicos limitados, os espaços físicos antigos e pouco adequados, as bibliotecas com poucos recursos são situações que os professores referem vivenciar na sua prática profissional.

Nesse panorama, faz sentido perceber as contradições presentes.

Se a gente está querendo falar que as pessoas têm o prazer em tomar posse da sua vida e satisfazer suas necessidades, prazer em batalhar para viver bem, não é possível oferecer um espaço tão feio assim. É um campus cinza, com muita pedra, fechadão. Não é uma área que é gostoso de ficar. Não permite que os alunos fiquem para tocar um violão, para se conhecer melhor, para brincar, conversar... (S16)

À inadequação do espaço físico somam-se as demais dificuldades que o professor enfrenta no seu trabalho. Parte dos professores dizem que a valorização do espaço passa necessariamente pela valorização de quem vai ocupá-lo, compreendendo, assim, a desvalorização do aluno, do professor e da instituição como um todo.

Nas escolas privadas, aparece a preocupação com o número excessivo de alunos selecionados para cada curso. Superlotam-se as salas de aula e o professor precisa também lidar com a heterogeneidade de um grande grupo, além de outras questões que aparecem como as dificuldades em estabelecer as relações, a situação ensino/aprendizagem ou a falta de recursos tecnológicos para todo grupo.

Essa situação implica novamente uma duplicidade. Se, por um lado, as pressões sofridas pelo grupo universitário são decorrentes de uma cobrança na qualidade de ensino, para haver bons profissionais no mercado, por outro, multiplicam-se as vagas e limitam-se os recursos.

Singer (1996:14) define a escola como sendo um “ processo de formação do cidadão, tendo em vista o exercício de direitos e obrigações típicos da democracia”. No entanto, nos relatos dos professores entrevistados, tanto os da rede pública de ensino como os da rede privada, aparecem as dificuldades que emperram o processo da democracia. Parece que ambas as instituições promovem pressões que aparecem como decorrentes da organização do trabalho, seja em função da estrutura organizacional e administrativa, a sistematização hierárquica ou seja pela conceitualização da identidade do grupo e da sua capacidade produtiva.

Segundo Dejours (1992) a permanente exposição a um ou mais fatores que produzam sofrimento no trabalho decorre da própria natureza deste e da sua organização. Assim, as pressões que aparecem em função do trabalho são potencialmente desestabilizadoras para a saúde mental do trabalhador, capazes de proporcionar sentimentos de insatisfação, de ansiedade e que podem ser reconhecidos como fonte de sofrimento.

O autor considera que o sofrimento começa quando a relação homem-trabalho está bloqueada, uma vez que a tarefa não é nunca neutra em relação ao meio afetivo do trabalhador. A divisão do trabalho, o modo operante, está relacionado com a repartição das

responsabilidades, hierarquia e controle. Desta forma, o poder sobre o trabalho vem da possibilidade do exercício de controle e o sofrimento baseia-se no estado permanente de poder controlar ou ser controlado. Entende que quanto mais organizado, mais rígido, mais dividido o trabalho, maior será o sofrimento porque menores serão as possibilidades de mudanças.

Tem uma hierarquia no sentido da titulação de chefia que é muito antiga e isso é difícil porque você tem que trabalhar essas coisas que já estão constituídas há muitos anos. Você tem que se adaptar, tem que transformar muito devagarinho algumas coisas. (S20)

Mendes (1998:292) concordando com Dejours, pontua que “as correlações de forças sociais e os ocultamentos institucionalizados têm sido determinantes para proporcionar o sofrimento psíquico”.

Na cultura ocidental moderna, existe o cultivo da satisfação no trabalho e espera-se que cada empregado participe da empresa numa dinâmica de um esforço coletivo e de contentamento pelas metas alcançadas pela empresa, como se esse retorno viesse, necessariamente, fazer parte da sua satisfação pessoal. Mendes entende que essa situação é visivelmente diagnosticada pelas “práticas e rotinas nos serviços que prestam atendimento/assistência aos trabalhadores; pela legislação que regulamenta a saúde e segurança no trabalho e sua fiscalização; pelas informações e a eventual *formação em saúde* proporcionada a assalariados e seus representantes e pela escalada de prioridades considerada nas políticas de pesquisa. As questões referentes aos riscos psíquicos do trabalho têm estado ausentes, quando não sumamente restritas e vagas, em todos estes tópicos”.

Essa condição de trabalho implica em estabelecer uma organização na empresa que não favoreça o reconhecimento das dificuldades pessoais, porque para ela o trabalhador é uma ferramenta que necessariamente precisa produzir para obter lucro. O funcionário necessita manter um status, ou seja, ele precisa ser quem participa ativamente da empresa para poder continuar fazendo parte dela. No entanto, para ele conseguir conviver com a situação, cria a prática das defesas psicológicas. Dejours (1992) analisa essa situação de sofrimento do trabalhador e entende que ele cria *estratégia defensivas* como reação ao sistema em que está submetido.

Os professores entrevistados relatam situações que parecem ser *estratégias defensivas*, uma vez que a universidade enquanto instituição que vive na condição capitalista, está organizada para formar profissionais que possam dar continuidade ao sistema. No entanto, o professor não concordando com essa estrutura, desenvolve mecanismos de defesa para suportar as situações de conflitos e muitas vezes vai criando alternativas para tentar promover mudança.

Os professores universitários da área da saúde vivenciam duas situações de trabalho: uma, com os seus próprios pares e com o grupo de pessoas envolvidas na universidade, outra, com os pacientes, seus familiares e demais pessoas envolvidas nessa relação. No primeiro caso, nem sempre as metas da universidade condizem com os desejos e as expectativas do professor, de tal forma que ele fica condicionado a uma organização hierárquica vertical, de ordem piramidal, o que vai promover a quebra da solidariedade e maior competição entre as pessoas.

Uma das dificuldades é a gente não falar a mesma linguagem no próprio departamento... É um comportamento de colegial, tem um curso e esconde aquilo, não divide, cada um por si. (S9)

Na universidade é uma competição muito destrutiva e tem muita vaidade. (S21)

Essa situação de que as pessoas criam mecanismos de defesa para poderem suportar as condições de trabalho, as vezes é verbalizada pelo professor.

Esse tipo de tensão observada na universidade e fora dela é o gerador de alguma competição, ou das dificuldades de comunicação. Enfim, são conflitos que parecem, as vezes, pessoais, relacionais e na verdade são tentativas de distribuir a insatisfação e a tensão que a própria instituição promove... (S16)

No entanto, parte dos professores pesquisados toma essa questão como característica pessoal e não como uma tensão proporcionada pela política educacional, em que a organização do trabalho é condizente com a organização social, econômica e política do Estado.

Uma das coisas que me incomoda, as vezes, é um pouco do individualismo, quando eles exageram nesse ponto. Pensam mais neles que na própria instituição.(S10)

...a gente percebe alguma competitividade meio maldosa. Alguns colegas, que no meu entender, poderiam colaborar mais com os demais. São meio egoístas.(S12)

As relações que a instituição estabelece com o professor parecem ser geradoras de conflito, uma vez que nem sempre a compreensão que o professor tem do seu papel condiz com as exigências sociais e nem tampouco com os interesses educacionais pré-estabelecidos.

Souto (in Spink: 1995) refere que a sociedade constrói uma imagem do professor universitário e exige, de certa forma, que ele cumpra esse papel. No entanto, nem sempre coincide com a representação que ele faz do seu papel profissional. Desta forma, ele não sente o seu trabalho reconhecido socialmente, o que faz gerar sentimento de insatisfação. Uma outra análise é sobre o contexto estrutural da universidade, no sentido econômico e organizacional, que vai influenciar na dinâmica do professor ao desenvolver a sua prática.

Considera-se, portanto que a escola ocupa um espaço que pode ser facilitador ou inibidor para as práticas reflexivas, capazes de promover ou não, maior interação entre os pares.

Parece que os conflitos relacionais, de certa forma, são decorrentes também dos métodos de avaliação utilizados pela instituição para se medir o desempenho profissional. Parte dos professores dizem que estão sempre sendo cobrados pelo desempenho dos seus papéis, ou seja, nas atividades de ensino, pesquisa, extensão e administração. Porém, eles sentem que precisam ser competentes sempre e em todas essas atividades, mas necessariamente a cobrança é maior na área de pesquisa. O professor precisa ter uma produção científica, desenvolver trabalhos, publicar textos, etc.

As vezes você está desviado de uma função para outra, do tripé, e eles cobram o mesmo desempenho nas três. A pesquisa é muito cobrada e valorizada na

universidade. No meu ponto de vista, tem que ser valorizada mas teria que estar em pé de igualdade com o ensino da graduação e com os cargos. (S14)

Nesse sentido, o professor universitário precisa ser primeiro pesquisador para depois poder cuidar do ensino propriamente dito. Essa situação é geradora de conflitos porque não importa se ele é um professor competente que tem o desejo de formar profissionais adequados para estarem envolvidos com as questões sociais se ele não for pesquisador, se ele não garantir uma produção científica que possa valorizar a sua universidade. Porém o contrário parece ser admitido.

A valorização profissional não acontece de forma igualitária e, sim, dentro de um contexto parcial, segundo os interesses da produtividade. Conclui-se então que a avaliação profissional dentro da universidade depende necessariamente de uma produção pessoal constante, de tal sorte que a atividade da pesquisa é a mais valorizada e reconhecida. Sendo assim, quando o professor está desenvolvendo mais uma atividade de ensino, administração, está num atendimento clínico ou de comunidade, ele é menos valorizado, o que faz gerar insatisfação e disputa entre os pares.

Então, por exemplo se eu fico pesquisando mais e o meu colega administrando mais, ele está se sentindo injustiçado com relação a isso, eu quero ficar pesquisando porque isso vale mais do que administrar. Você publica mais, o outro está publicando menos, está contribuindo menos. Então, muitas vezes, essa divisão de tarefas é cruel, ela acaba contaminando as relações.(S12)

Eu gosto da clínica, do atendimento ao paciente e isso a universidade não valoriza.(S13)

Nesses moldes, a organização do trabalho promove a divisão desigual das tarefas, em que o reconhecimento de algumas são de maior valor. O professor se vê obrigado a desenvolver as atividades de pesquisa voltadas para a publicação, o que garantirá seu maior reconhecimento. Resta-lhe submeter-se ao sistema e tentar fazer sua escalada para ser reconhecido cientificamente. Por outro lado, é também desta forma que a instituição é

reconhecida e valorizada, pelo número de professores titulados, pelo volume de publicação da equipe, pelo número de pesquisas desenvolvidas, etc.

De qualquer sorte, existe uma disputa acirrada pelas vagas no mercado de trabalho à qual os profissionais estão expostos: os professores buscando a produção científica para fazer parte da comunidade acadêmica e os alunos, tentando definir uma área e especializar-se para garantir um emprego melhor.

Nessa diversidade, a universidade não tem autonomia para priorizar a sua produção e nem o compromisso para a aplicação desse saber. Muito embora, “a concepção mais ampla de responsabilidade social, de participação na valorização das comunidades e na intervenção reformista nos problemas sociais continua vigente no imaginário simbólico de muitas universidades e de muitos universitários...” (Santos, 1996 209)

A segunda situação vivenciada pelo professor universitário da área da saúde no contexto da organização do trabalho, diz respeito à sua atividade terapêutica, esteja ela relacionada com o ensino ou com a extensão. Assim, quando relacionada ao ensino, o interesse está voltado para que o aluno aprenda a relacionar-se com a pessoa e compreenda a sua patologia ou os seus conflitos. O professor ao mesmo tempo em que procura promover o aprendizado, precisa dar conta do paciente (cliente ou usuário).

Na atividade clínica uma série de fatores podem contribuir para dificultar as relações no trabalho. Os próprios locais como o hospital, as unidades básicas de saúde, os ambulatorios, entre outros, são espaços que estão organizados para tratar do sofrimento, da doença e não necessariamente contemplam processos de saúde ou ao menos de prevenção à doença. Adoecer parece significar descobrir um sentimento de impotência, de estar mais próximo da morte ou com menos entusiasmo para a vida. Está relacionado com dor, física ou psíquica, com desconforto, com angústia, com perdas, incapacidades, com a diminuição da força ou da vontade de cuidar-se, de tomar conta da própria vida. Os profissionais da saúde vão lidar com essa situação no seu cotidiano, o que faz gerar sofrimento.

Uma outra situação apontada pelos entrevistados diz respeito ao modelo hegemônico de saúde que admite a centralização da figura médica. De acordo com Foucault (1984) a medicina ainda é a prática hegemônica cuja autoridade lhe foi conferida historicamente. O hospital, como instrumento terapêutico, é uma invenção relativamente nova, aparecendo no final do séc. XVIII., organizado para ser um instrumento terapêutico. A partir do momento em

que lhe foi concebido um instrumento de cura, o médico passa a ser a principal figura na organização hospitalar, representando outro papel na história, o do grande médico: que será mais sábio quanto maior for a sua experiência hospitalar.

As práticas assistenciais conformam e reforçam certas concepções de trabalho seguindo esse modelo, onde o profissional quer dominar sozinho o espaço da clínica. Essa situação impõe que a divisão técnica do trabalho não se estabeleça de uma forma harmônica.

Alguns médicos têm o nariz empinado porque acham que só eles são da saúde. Você imagina a primeira vez que entrei com meus alunos na U.T.I para mexer num paciente foi um escândalo. Atualmente está mais tranquilo porque o pessoal na área que estou atuando já está conscientizado do valor da fisioterapia para os pacientes. (S18)

... por outro lado, tem a relação de domínio ainda em relação a medicina. Como os médicos são hegemônicos eles não entendem a demanda que a gente tem. Enquanto grupo temos dificuldades de colocar quais são as nossas demandas. (S9)

A divisão do trabalho no hospital, relata PITTA (1999:48), “é a reprodução no seu interior da evolução e divisão do trabalho no modo de produção capitalista (...)”.

Os professores referem que a divisão das tarefas estão estruturadas de forma hierárquica, dependente do conhecimento técnico-científico do profissional, que se constitui no fundamento da produtividade do setor. Assim, o serviço de saúde também está estruturado no modelo capitalista, pela valorização da produtividade e a necessidade do consumo.

Segundo Soares (1991:54) “ a medicina como prática de saúde predominante, valoriza o processo da mais valia, seja pelo consumo de medicamentos e equipamentos ou mesmo pela centralização e planificação dos serviços médicos, que além de regulamentarem a oferta de serviços privados de saúde, garantem a contratação permanente destes serviços pelos órgãos estatais”.

Essa situação foi relatada pelo grupo como sendo um modelo de organização do trabalho que favorece uma política de capital hegemônica e particularmente voltada aos

interesses econômicos. Nesse sentido, ele dificulta o trabalho interdisciplinar, a formação de equipe, o modo de fazer saúde que possa estar prevenindo e atendendo às situações de risco que têm a doença como foco central.

Nesse contexto, os profissionais distribuem as suas insatisfações no trabalho e criam mecanismos de defesa que possam dar conta das suas angústias.

Embora todos esses conflitos apareçam retratados neste panorama acadêmico, é no encontro com o aluno que se estabelece uma perspectiva de mudança, o desafio e a inquietação de buscar outros saberes e novas formas de fazer saúde.

A vida cotidiana universitária aparece como um forte componente, quando se enfoca essa situação. Numa sociedade desencantada, parece que o re-encanto se dá pela possibilidade da vinculação afetiva, de onde acende o desejo de se reconstruir enquanto coletividade, de tal sorte que a vontade é de poder desenvolver um trabalho significativo, gratificante, que resgate a autonomia e a liberdade das pessoas.

Olhando para uma nota só

A representação que o professor faz do aluno universitário.

Neste estudo, levou-se em consideração a imagem que o professor faz do aluno universitário da área da saúde, porém apenas como um recorte, pois esse tema apareceu nas entrevistas.

Alguns entrevistados consideram que a escola é um lugar que concentra um grande número de jovens, já que é a fase da vida em que muitos ingressam na experiência acadêmica. Se por um lado, o professor procura acolher as esperanças e os sonhos desses alunos, por outro, tem que lidar com os conflitos que eles trazem para dentro da sala de aula.

Segundo Erikson (1987) os conflitos próprios dessa fase são devidos a uma tentativa de reorganização interna, caracterizada pela necessidade de definição da identidade, em que o jovem vai fazendo suas escolhas, procurando uma identificação pessoal e profissional.

Para Sheehy (1998) dos dezoito aos vinte e dois anos as pessoas vão se localizar num papel grupal, num papel sexual e de certa forma, tentar definir uma ocupação ou um trabalho

profissional. Isto significa que os jovens, tendo a possibilidade de estarem na universidade vão fazer opção por um curso com a expectativa de poderem futuramente estar inseridos no mercado de trabalho. Porém, na maioria das vezes, parece que eles não conseguem ainda ter maturidade para definir sua vida profissional e então apresentam um comportamento adolescente.

Parte dos professores entrevistados refere que muitos alunos estão emocionalmente despreparados para definir-se profissionalmente, ou seja, a exigência do curso não condiz com o nível de responsabilidade do aluno.

...eles são muito imaturos, requer que você tenha um relacionamento meio que tutorial, meio de pai, de irmão mais velho. Chegam com aquelas revoltas de adolescentes, aquelas rebeldias...(S11)

Esses professores referem a importância de poder acolher o aluno, acompanhando as suas dificuldades e dando suporte para que ele vá se estruturando emocionalmente. Mas essa situação também gera angústia para o professor que precisa lidar com todas as outras tarefas.

Para Erikson (1987:129) ” o adolescente procura mais fervorosamente homens e idéias em cujo serviço pareça valer a pena provar que seria digno de confiança”. Os profissionais sentem-se responsáveis para dar conta dessa situação e afirmam que conviver com ela requer maior disponibilidade e interesse para que possam ser entendidas as crises previsíveis, a forma de viver de cada aluno.

Nos discursos dos professores aparece também uma situação referente à formação pedagógica do aluno de segundo grau, que na maioria das vezes tem sido insuficiente para acompanhar o curso universitário.

Acho que a gente está hoje pegando o aluno que é o resultado de uma educação bastante alienada. É o aluno que tem pouca leitura, que entende educação como mercadoria, então é o aluno que até quer participar socialmente, mas ele não sabe exatamente o que é que ele busca. (S16)

Alguns professores apontam, ainda, para a questão do modelo de ensino ao qual o aluno esteve submetido e, de certa forma, está condicionado.

Acho que o aluno vem de uma formação que estão acostumados a ter tudo pronto. Você chega lá e o que eles estão esperando de você é uma aula expositiva, tudo mastigado e depois você vai dar uma prova sobre tudo isso que você deu. (S15)

Subjacentes a esta preocupação, vários estudos determinam o desenvolvimento deste tema que, neste momento coube apenas como um enfoque. Fica a sugestão para a continuidade desta análise.

Algumas notas dão o tom e afinam a melodia

Expectativas profissionais alcançadas na universidade.

O professor universitário da área da saúde desenvolve seu trabalho profissional delimitando um espaço na universidade que se estabelece através de diversas experiências que vão sendo concretizadas ao mesmo tempo em que definem seu papel profissional. Para essa definição dois movimentos se fazem presentes: um interno, da própria pessoa que é subjetivo voltado para a vontade e o desejo, que tem a ver como o professor pensa e constrói o seu próprio modelo e outro, externo, que diz respeito à instituição, ou seja, como é que ela define o papel do professor universitário, que será determinado pelas regras sociais.

Sheehy (1998:49) entende que “a plena realização da identidade não se esgota em decidir quem somos e o que vamos fazer no mundo; tais decisões estão sujeitas as mudanças, com o passar dos anos”. As pessoas vão criando expectativas no trabalho que determinam a realização do fazer e definindo os seus papéis na medida em que torna-se possível melhor compreendê-los, através desses dois movimentos, o subjetivo e o determinado. Essa definição vai sendo modificada cada vez que passa por uma estruturação interna e é vivida em cada etapa da vida de forma diferente.

Eu acho que demorei muitos anos para entender onde eu estava fazendo na universidade, entender o que era a universidade e como ela funcionava...(S3)

Essa compreensão foi se dando quando houve um maior reconhecimento do campo e dos objetos de trabalho, em concomitância com a interação das próprias potencialidades e dos desejos que foram emergindo e tornando-se conscientes.

Eu não tinha nenhuma expectativa antes de entrar na universidade. Isso eu fui criando ao longo do meu trabalho, na medida em que fui trilhando a carreira, fui me dando bem. Eu não posso reclamar do meu desempenho, das coisas que conquistei...(S21)

No entanto, parece que a compreensão dos aspectos internos é defrontada com a sensação de prazer que a maioria dos profissionais relata quando começa a falar da sua atividade profissional. A maneira como esses professores definem a atividade profissional determina o modo de vida, no sentido de que a vinculação com o trabalho restabelece o desejo do fazer.

A minha principal expectativa na universidade é o desafio da novidade, sempre, dessa troca a todo tempo com a platéia que está ali na sala de aula... Eu sempre fui curioso e sempre gostei de conhecer vários assuntos, desde molequinho. Uma é que você está exposto a esse monte de gente fazendo trabalho e você tem acesso, outra é a própria exigência de você estar passando essas coisas novas para a classe. Essa minha fome de atualidade, a universidade me fascina.(S17)

Nesse sentido, a fascinação desses professores tem a ver com a possibilidade de desenvolver seu trabalho profissional num local que possa conter os seus desejos. Definem a universidade como sendo um lugar que possibilita a educação continuada, a delimitação de campos teóricos mais estruturados, o conhecimento de outras práticas, a consolidação de pesquisas, a instrumentalização e a atualização da produção científica. Entendem que o espaço

universitário pode garantir um modo de ensinar levando em conta os problemas da prática, da própria história da turma enquanto grupo social.

Da mesma forma é a história de cada equipe, de cada curso e cabe à ela a sua inserção na comunidade acadêmica. Isto é, vai depender da dinâmica que cada equipe vai estabelecendo para ir conquistando os seus espaços profissionais e estruturando os seus papéis.

Uma parte dos profissionais da Terapia Ocupacional, da Enfermagem e da Fisioterapia traduz que suas maiores expectativas estão voltadas para a divulgação da profissão, no sentido da credibilidade e da importância do profissional na equipe de saúde. Refere que o respeito e o reconhecimento acadêmico têm sido conquistados na medida em que as práticas vão possibilitando as interações e as trocas, tornando mais visível o papel de cada profissão. Assim, definem que as expectativas têm sido alcançadas no sentido que os cursos estão tendo uma projeção dentro e fora da universidade, ampliando as relações, ganhando espaço, autonomia, favorecendo as ações políticas e possibilitando a ascensão profissional no mercado de trabalho.

Como eu sou terapeuta ocupacional, talvez uma das expectativas mais básicas que eu tivesse, seria com relação ao reconhecimento da profissão, do profissional e do curso dentro e fora da universidade...a gente venceu às custas de muito trabalho ...(S20)

A nossa área de enfermagem é bastante complexa. Acho que a gente está conseguindo desbravar, a gente já conseguiu bastante no campo profissional, mas tem muito ainda a se conquistar...Quando a gente começou a fazer o curso na universidade (eu sou da 3ª turma), a gente tinha dificuldade até para ocupar um espaço físico ...(S8)

Considera-se neste estudo, que a atuação profissional quase sempre esteve voltada para o modelo hegemônico da saúde que tem a doença como foco central e que atribui ao médico o primeiro papel no topo da pirâmide. À medida em que esse modelo de trabalho vai sendo questionado e substituído por um modelo horizontal, as outras áreas vão tendo chance de mostrar o seu papel. Porém, parece que o grupo concorda em dizer que essa possibilidade

resulta em muito esforço da equipe, mas de qualquer forma a desconstrução do modelo hegemônico passa pela intervenção dessas profissões.

Uma outra situação apontada pelos entrevistados é que a academia favorece o processo de ensino aprendizagem, em que o professor pode sair da compreensão linear e mecânica entre o conhecimento científico e buscar uma relação com a realidade psicossocial viva e mutável.

Segundo Gómez (in Nóvoa, 1998: 102) “a vida quotidiana de qualquer profissional prático depende do conhecimento tácito que mobiliza e elabora durante a sua própria acção. Sob a pressão de múltiplas solicitações da vida escolar, o professor activa os seus recursos intelectuais, no mais amplo sentido da palavra (conceitos, teorias, crenças, dados, procedimentos, técnicas), para elaborar um diagnóstico rápido da situação, desenhar estratégias de intervenção e prever o curso futuro dos acontecimentos”.

Nesse sentido, o professor da área da saúde vai enfrentar problemas de natureza prioritariamente prática que requerem um tratamento singular e esse fato sugere que o profissional possa demonstrar essa situação para o aluno, podendo refletir junto com ele sobre como resolver cada problema, considerando a situação concreta, relacionando-a aos seus conhecimentos e suas técnicas.

Parte do grupo refere que o papel que o professor universitário da área da saúde desenvolve na academia possibilita fazer essa reflexão, em que a prática vai sendo construída numa relação de ensino-pesquisa. Ou seja, a pesquisa vem junto com a prática da docência, seja concreta ou informalmente.

A pesquisa formal tem sido valorizada pela academia, e fora dela, em todas as áreas. Os financiamentos são de ordem interna nas escolas públicas ou particulares, mas também podem ser de instituições particulares, de forma que o espaço para a pesquisa está sendo garantido dentro dos padrões e modelos da sociedade capitalista atual.

Na universidade, essa valorização da pesquisa tem sido um ponto motivador para o professor pesquisador e é apontada por alguns entrevistados como sendo fundamental para a descoberta de novas técnicas e modelos que tratam da doença, da prevenção ou mesmo para a estruturação de novos campos de atuação, na organização dos cursos e no investimento de outros profissionais.

Eu sei que tenho um papel importante na colaboração da construção desses cursos e eu também levo isso muito a sério. Então eu me esforço para produzir material, para poder dar suporte para os que estão começando. (S21)

Parece que a pesquisa tem sido relevante tanto para a universidade pública como para a privada, porém existe uma diferenciação na estrutura. Os funcionários públicos ficam determinantemente convocados a exercerem esse papel, já que, a maioria deles, é contratada em tempo integral, com dedicação exclusiva incluindo o tempo para a atividade de pesquisa. Nas universidades particulares o modelo de contrato de trabalho difere e o professor pesquisador passa por um critério de avaliação interna para poder desenvolver seu projeto.

A pesquisa informal parece fazer parte do papel do professor universitário da área da saúde em decorrência da sua atuação profissional. A investigação da própria realidade requer uma intervenção imediata ao problema, dando soluções, prevenindo ou tratando. Nesse sentido, professor e aluno precisam estar mais atento aos acontecimentos do cotidiano. Essa situação implica a busca de instrumentos e de técnicas, mas concomitante com o conhecimento prático.

Esses professores acreditam desempenhar um papel ativo no processo educativo, valorizando a produção de um conhecimento que não está pronto, mas que vai sendo construído frente a cada situação problema..

Entendem que esse modelo é complexo e difícil, mas traz satisfação quando percebem o crescimento profissional do aluno que está aprendendo, que está tomando conta do seu espaço, tornando consciente o seu papel ético, político e assumindo a responsabilidade frente às condições sociais. De tal sorte que impõe um atendimento clínico voltado para o exercício da reflexão do problema, investindo na relação terapêutica de acolher, olhar e cuidar do paciente, estimulando o resgate dos sonhos e da esperança pela vida, fortalecendo a condição humana na luta pela sobrevivência.

A expectativa é que o trabalho profissional possa ser, desta forma, gerador dos sentimentos de prazer, de alegria, de afeto e de autoconfiança. Nesse contexto, os entrevistados dizem que essa expectativa tem sido alcançada já que tanto os alunos como a população atendida têm reconhecido e valorizado esse trabalho.

Reviravolta: a orquestra desafinou Expectativas frustradas

Os professores entrevistados referem que no percurso da vida acadêmica cada um vai criando expectativas sobre o trabalho, porém, só a prática determina a tomada de soluções que podem identificar-se ou não com essas expectativas.

Neste estudo, foram consideradas as expectativas não alcançadas pelo professor e quais motivos que ele atribui a essa situação.

A primeira situação apontada foi que o professor entrevistado tinha expectativa de estar numa instituição que garantisse espaços para discussão e reflexão da prática profissional de forma multidisciplinar, com vários profissionais de diversas áreas fazendo uma análise do contexto e pensando nas possíveis soluções dos problemas diagnosticados. Parte do grupo considera que a academia está protegida por muros e existe uma grande amarra que impossibilita qualquer ação que fuja dos padrões circundados.

Nessa ordem, esperavam encontrar no ambiente acadêmico uma maior receptividade entre os companheiros, para que pudessem juntar os mesmos ideais e desenvolver o sentido curioso de conhecer o trabalho do outro. Acreditam que esta sociabilidade facilitaria as ações coletivas, as discussões entre os cursos, entre os departamentos, ou grupos heterogêneos de pesquisadores, assim como as reflexões transdisciplinares e outras atividades, que favorecessem os relacionamentos e as interações.

Eu tinha uma visão de uma integração maior, de que as pessoas estando no mesmo espaço, independentes de terem escolhido áreas de estudo diferentes, poderiam transacionar conhecimentos, produzir conhecimentos, divulgar, obter conhecimentos. Achei que teria mais troca...(S1)

Na prática as atividades profissionais ficam, na maioria das vezes, setorizadas, em alguns lugares até o próprio espaço físico é separado, por exemplo: campus da saúde, campus das ciências sociais e humanas, etc.

Uma segunda situação relatada diz respeito a valorização dos papéis profissionais. A expectativa era do reconhecimento de todas as funções que o professor estivesse executando, estivesse ele na área de ensino, pesquisa, extensão ou administração. Porém, o desapontamento fica por conta de que ele é mais valorizado quando está na pesquisa. Isto significa que embora ele sinta a importância de assumir outros papéis, é a situação da titulação que lhe confere maior êxito na academia. A expectativa frente à produção científica é mais ambiciosa, com maiores possibilidades para publicação dos trabalhos desenvolvidos, uma vez que a titulação acaba sendo a “porta aberta” para o reconhecimento científico que poderá favorecer a determinação de um espaço privilegiado.

Sem terminar o doutorado a gente não tem voz, primeiro você tem que ter o doutorado, depois você pode ser ouvida, seus textos poderão ser publicados, você terá mais autonomia para definir suas linhas de pesquisa, etc.(S3)

Para dar conta do papel de pesquisador, parte dos professores entendem que as vezes, os outros papéis precisam ser deixados de lado.

Tinha a expectativa que hoje eu já tivesse mais título, um currículo melhor, que eu tivesse saído fora do Brasil para fazer o pós-doutorado. Esperava estar num outro nível como pesquisador...(S11)

Se por acaso o professor dedica mais o seu tempo ao ensino ou à área administrativa, a produção científica vai ficar prejudicada. Essa situação fica melhor caracterizada nas escolas da rede privada de ensino. Os profissionais revelam que falta tempo para estudar, para preparar aulas, para dar conta do volume de reflexões diárias que os alunos trazem, para dar respostas aos problemas diagnosticados na prática e concomitantemente assumir cargos de chefia, dar continuidade num curso de pós-graduação, desenvolver pesquisas, publicar, etc.

O espaço ocupado pelo professor universitário da área da saúde demanda tarefas e responsabilidades que vão exigir do profissional a flexibilidade de estar num ou noutro papel. A possibilidade do desempenho de uma atividade pode garantir, de certa forma, a possibilidade

do outro companheiro ficar mais à vontade para dar continuidade na sua pesquisa. Porém essa situação vai demandar da organização e dos contratos de troca estabelecidos pelos grupos.

Quando o professor está desenvolvendo alguma tarefa administrativa, fica subordinado às regras institucionais que, na maioria das vezes, são burocráticas e demandam bastante tempo para serem encaminhadas e resolvidas.

Durante o cotidiano você começa a perceber, principalmente no cargo administrativo, quanto tempo a gente gasta para dar conta dos problemas que não levam a nada e nem precisariam existir, na verdade. (S16)

Para alguns professores, a expectativa em assumir um cargo administrativo é de poder melhorar as condições de trabalho do seu próprio grupo, no entanto, esse objetivo nem sempre tem sido alcançado.

Em relação ao investimento profissional e a estruturação dos campos de pesquisa, os cursos de pós-graduação, na maioria das universidades, estão estruturados nas linhas tradicionais. Alguns profissionais da Terapia Ocupacional e outros², levantam o problema de não existir especialização em áreas específicas, dificultando a produção de conhecimento científico na área para fortalecer e estruturar o campo e os novos rumos da profissão. Entendem que normalmente tem acontecido a migração dos profissionais para outros cursos, a fim de garantirem a sua formação. Essa perspectiva tem sido almejada pela maioria dos professores, sem ter ainda muitas respostas concretas.

Ainda referente a valorização profissional, os professores, de maneira geral, acumulam sentimentos de injustiça e de exclusão determinados pelas condições de trabalho, uma vez que o valor do trabalho realizado por eles fica aquém do valor recebido. Referem que os honorários recebidos não dão conta de garantir algumas necessidades do professor universitário como a compra de livros, a assinatura de jornais e revistas, as atividades culturais, as correspondências tecnológicas, entre outras.

² Outros profissionais da área da saúde relatam a dificuldade da especialização na área. A maioria das universidades não oferece programas de pós-graduação em áreas específicas.

Essa situação parece ser mais acirrada para os funcionários públicos que demonstram a angústia pela falta de reconhecimento do seu papel profissional. No entanto, os estatutários dizem que necessitam trabalhar em duas ou mais instituições para tentar garantir um rendimento compatível com sua condição de vida.

Sem dúvida nenhuma, queria ganhar mais. Uma coisa que nunca passou pela minha cabeça, hoje tem passado porque a crise foi chegando, a gente foi cortando, cortando e hoje não tem mais o que cortar. Aí me deparei com os meninos e fico pensando se é justo privá-los por causa dos meus sonhos, até que ponto estou sendo egoísta. Para mim tenho outras formas de prazer e estou dando conta deles, na medida em que trabalho. E para quem depende de mim?(S11)

O aspecto dessa problemática caracterizada pelos grupos, está relacionado com os sentimentos de angústia, tristeza e desesperança, refletidos por uma política educacional que tem dificuldades em considerar a escola e valorizar o papel que o professor desenvolve.

Nesse contexto, o profissional fica exposto a ter as mesmas considerações de uma organização empresarial, voltada para a produção e o lucro. Fica identificada a subversão do valor do trabalho – de elemento cultural genuinamente humano passa para mero instrumento de capitalização.

O trabalho do professor, se de alguma maneira contribui para a transformação do mundo, de outra, resulta no acúmulo de bens para uma minoria detentora do capital. Assim, ao invés de ser um instrumento de emancipação humana, torna-se um instrumento de alienação, na medida em que todo o esforço não se reverte em uma condição mais digna de sobrevivência para quem o executa.

Ainda que na escola pública esse retrato não esteja tão vivo, pregado na parede, ele aparece camuflado. Não se injetam investimentos, pelo contrário, arruma-se um jeito de acomodar a população, oferecendo-lhe mais vagas nos campos universitários das escolas privadas.

Alves (1998), entende que: “nossas escolas tem se dedicado a ensinar o conhecimento científico, com todos os esforços para que isso aconteça de forma competente. Isso é muito

bom. A ciência é indispensável para que os sonhos se realizem. Sem ela, não se pode plantar nem cuidar do jardim. Mas há algo que a ciência não pode fazer. Ela não é capaz de fazer os homens desejarem plantar jardins. Ela não tem o poder para fazer sonhar. Não tem, portanto, o poder para criar um povo. Porque o desejo não é engravidado pela verdade. A verdade não tem o poder de gerar sonhos. É a beleza que engravida o desejo. São os sonhos de beleza que têm o poder de transformar indivíduos isolados num povo”.

Sendo assim, atribui-se ao Estado o dever de valorizar a cultura do seu povo, sua inteligência e sua sabedoria.

O desânimo dos professores frente a todas essas situações de dificuldades políticas, econômicas e de ordem estrutural, parece não alterar o compromisso e a responsabilidade de cumprir o seu papel social.

CAPÍTULO IV

A MELODIA DO COTIDIANO

As atividades do cotidiano

Neste estudo, tomando o trabalho profissional como eixo, pretendeu-se investigar em que consistem a satisfação e a insatisfação no trabalho, qual a sua relação com as demais atividades do cotidiano e quais as outras atividades que fazem parte da rotina do professor universitário.

Os professores entrevistados referem que várias atividades fazem parte da sua rotina de vida e estabelecem três grandes eixos:

- o trabalho profissional;
- o trabalho familiar;
- as atividades do tempo livre.

O trabalho profissional

Tomou-se o significado da palavra trabalho como uma atividade capaz de admitir investimento subjetivo, tornando possível a satisfação pessoal. Essa compreensão se justifica pelas características do grupo participante da pesquisa, que faz uma opção profissional e entende que ela está estruturada pela possibilidade de encontrar espaços de satisfação e realização.

Nesse sentido, o trabalho representa uma atividade gratificante e toma uma dimensão prazerosa, da vontade de produzir coisas e de criar espaços que valorize as pessoas e a vida.

Segundo Pelbart (1999) existe um trabalho que vai se desenhando no mundo contemporâneo, numa amplitude em que se misturam o tempo de trabalho e o tempo de vida.

A vida inteira vira o tempo de trabalho. É um desafio onde o fazer e a criação são inteiramente simultâneos e extensivos.

Para os professores entrevistados, parece que o trabalho toma um lugar de destaque na sua rotina de vida, como sendo uma atividade necessária e inevitável à sua própria sobrevivência. Definem que é na interação com os alunos e nas relações estabelecidas com os pacientes que se dá o resgate da subjetividade.

No entanto, a atividade profissional está inserida num modelo sócio-político-econômico definido pela lógica do capitalismo, que inevitavelmente vai influenciar o espaço de produção do professor universitário, seja dentro ou fora da academia. Vale discutir as duas possibilidades.

Na academia, os professores universitários da área da saúde assumem um volume de atividades complexas e diversificadas, conforme apresentadas no capítulo III, que demandam uma organização do espaço e do tempo para o cumprimento das mesmas. Aponta-se que os grupos apresentam suas peculiaridades, à proporção que vão desenvolvendo suas atividades.

O grupo de professores da rede particular de ensino admite que a forma de contrato de trabalho à qual está submetido não é condizente com a sua prática: a carga horária estabelecida, na maior parte das vezes, não é suficiente para as funções exigidas. Essa situação torna-se crítica, já que os profissionais precisam ter outro trabalho para complementar a sua renda.

A minha vida é uma loucura. De manhã trabalho na faculdade, saio de lá correndo, as vezes sem tempo para almoçar, como um lanche no percurso e vou para outro trabalho. Chego lá e já tem paciente esperando para eu atender. Vou direto para o consultório e atendo até as 16 hs. Depois vou para a parte administrativa resolver as outras coisas... (S6)

Trabalho de segunda a sexta-feira das 7 hs as 23 hs, faço duas universidades e consultório. Sábado das 7 hs as 13 hs estou dando aulas, no período da tarde estou com a minha família e no domingo também. (S7)

Considerando ainda as condições de trabalho, ao contrário do grupo dos professores vinculados ao ensino privado, as escolas públicas parecem oferecer maior flexibilidade quanto ao cumprimento da carga horária em relação à administração e à execução das tarefas cotidianas. O professor funcionário público pode organizar o seu trabalho integrando melhor os seus papéis dentro do espaço acadêmico.

Aqui na universidade, não existe rigidez de horário, a gente não tem cartão ponto e tal. É a gente que organiza o nosso horário, embora todas as tarefas tenham prazo para serem cumpridas e muitas delas têm horários determinados, como por exemplo, dar aula. (S12)

A hierarquização no processo de trabalho e a questão da heteronomia aparecem como formas bastante específicas para cada grupo. Fidalgo (*in* Revista do NETE, 1996:99) considera uma série de fatores que vão interferir na análise desse processo, pontuando alguns como: a dependência administrativa das escolas em que atuam e o direito da autogestão, a capacidade de negociação, a garantia de representatividade, a diversidade das condições de trabalho e de salário entre os profissionais estatais e os outros. Entende que “se de um lado, temos os professores públicos, que como assalariados do estado guardam uma série de peculiaridades na sua inserção nas relações sociais de produção; de outro, temos os professores assalariados das empresas privadas de ensino, que se inserem diretamente na lógica de valorização, enquanto trabalhadores produtivos.” Afirma que o lugar característico do processo de proletarização do trabalho docente é privilégio da escola privada.

No entanto, através do relato do grupo dos professores funcionários públicos, constata-se um discurso hegemônico referente à insatisfação salarial, denominando o significado de uma inexorável e crescente pauperização da categoria.

Em termos de qualidade de vida do professor na universidade pública, como é que a universidade poderia melhorar essa qualidade de vida dessas pessoas? (S3)

Atualmente ando meio frustrada. Se a gente comparar com a época que comecei enquanto professora universitária e hoje, as coisas ficaram muito mais difíceis. O governo foi cada vez mais arrojando o nosso salário...e outras coisas também. As condições de trabalho são diminuídas e as pessoas vão perdendo muito o interesse.(12)

Esse grupo relata que estar subordinado às regras da administração pública demanda um desgaste emocional no sentido da credibilidade ideológica do ensino de terceiro grau, na qualidade do ensino público. Essa situação vem se agudizando pela falta de investimentos, de qualquer ordem, na instituição.

No entanto, embora essa situação aponte para um sentimento de angústia, ela parece ser confortada pelo próprio trabalho.

Você se dedicou acreditando no papel social da universidade e de repente vê seus princípios sendo desconsiderados o tempo inteiro, com falta de verbas, falta de recursos pessoais, enfim com diversas atitudes que acontecem e que te deixa desanimado...De qualquer forma, eu tenho a convicção de que estou no lugar certo porque gosto do que faço, tenho prazer no que faço, enfim eu tenho essa noção de que eu esteja tendo essa oportunidade de trabalhar e ter prazer ao mesmo tempo, apesar desse prazer ser descontínuo, nem sempre estar presente.(S14)

Parece ser difícil a conciliação entre os momentos de dor e de alegria que estão inseridos nessa profissão. Essa situação aparece tanto na escola pública como na escola da rede particular de ensino, em diferentes contextos e está relacionada com os papéis que o professor universitário da área da saúde assume no cotidiano da academia.

No dia-a-dia a gente vive estressada, a gente deita e vem tudo na cabeça, o que você tem que resolver. A gente tem a parte da docência, da assistência, da pesquisa, tudo junto. É difícil porque a gente não fica sempre no mesmo lugar, em cada hora você está num local resolvendo coisas diferentes.(S9)

Na visão de alguns sujeitos da pesquisa, a estrutura acadêmica impõe um ritmo de trabalho acelerado e complexo, havendo um desdobramento do papel do professor no ensino propriamente dito para os demais papéis de competência da categoria. A imagem que eles fazem do seu papel no ensino é a de ser um professor que tenha uma prática reflexiva, que possa ir construindo os modelos na interação com a realidade. Acreditam que essa postura deverá estimular o aluno a aprender ser questionador, curioso e a investigar os problemas que aparecem na prática, considerando o contexto em que estão inseridos. Isso, de certa forma, implica ter alunos mais exigentes. Então, se por um lado ter um aluno que faz uma reflexão sobre a realidade e deseja atuar para que os problemas possam ter uma solução traz satisfação, por outro, implica em maior investimento pessoal, além de aceitar correr o risco de vivenciar situações de desconforto.

O professor universitário da área da saúde precisa ter uma formação continuada, ele precisa estudar sempre, além do que precisa ter uma percepção para entender a dor do outro. Cada paciente tem a sua história e quer que você possa resolver os seus problemas. Nem sempre essa situação é fácil. Agora, quando estou com meu aluno e preciso dar uma resposta e não sei bem como vou resolver o problema, isso é mais difícil ainda. (S24)

Nessa situação pode ser que o aluno tenha uma expectativa de que o professor precisa ter sempre uma resposta pronta, pré-estabelecida e não possa ter dúvidas na condução do caso. Para o professor, parece que fica o sentimento de frustração, de não dar conta dos seus papéis de professor e terapeuta.

Em outros momentos, o conflito também aparece. O professor pesquisador desenvolve diversas atividades que podem diferenciar a sua prática. As funções são específicas e demandam uma produção em cada uma delas. Assim, embora os entrevistados elejam o papel do professor pesquisador como fundamental no ensino universitário, a formação docente é longa e difícil.

O mestrado, o doutorado, a capacitação continuada, embora em alguns momentos sejam muito difíceis, eu acho que te fortalece teoricamente, em termos ideológicos, políticos e isso te possibilita um outro estar na universidade. Então isso eu acho interessante.

A formação continuada vai exigir do profissional uma dedicação para os estudos e isso implica em deixar de lado, muitas vezes, outras atividades, como as relacionadas a família, ao lazer e aos próprios cuidados pessoais. Porém, ela parece ser gratificante possibilitando a conquista de conhecimentos teóricos mais definidos pela própria necessidade de investigação, favorecendo o encontro com outras áreas do conhecimento e estreitando as relações com profissionais que tenham outra formação acadêmica, etc. A titulação favorece também um status na universidade, como se fosse um reconhecimento do seu trabalho.

Parte dos professores entrevistados entendem que desempenhar uma atividade administrativa, vem a ser mais desconfortante. Ela requer um conjunto de ações que parece ser simples, como por exemplo definir o espaço físico para uma palestra, participar de uma reunião de colegiado para solicitar o conserto de um tomógrafo. Mas, na verdade, exige uma postura política para o encaminhamento e a solução de todos os problemas que possam estar relacionados com o cargo.

Como estou envolvido na comissão de ensino, tem atividades burocráticas que você é obrigado a ir e é muito chato. Por exemplo, quebra um tomógrafo, não tem dinheiro para consertar, então eu acabo tendo que ir por essa via, mostrando a importância disso para um bom atendimento ao paciente. Faz parte tanto do cargo de coordenação como da própria carreira universitária fazer parte de órgãos representativos da sua categoria. Mas, sem dúvida é a atividade que pior faço...Mas fico muito contente quando chego para atender o meu paciente e encontro o tomógrafo na sala, consertado. (S11)

Esses professores entendem que cada problema precisa ser resolvido para que as suas práticas possam ser estruturadas, mas, quase sempre, a solução não vai depender da

vontade do professor administrador. As necessidades reais são avaliadas de acordo com inúmeros valores e as normas estabelecidas devem favorecer ao sistema burocrático. Essa situação, por um lado representa um sentimento de angústia porque o professor está sempre subordinado a regras já definidas. Porém, exercer um cargo administrativo tem sido uma maneira de tentar favorecer melhores condições de trabalho para quem está na prática.

Alguns entrevistados relatam que ser professor da área da saúde tem sido um papel controvertido, de muitos momentos gratificantes, mas também de muito sofrimento. Fazer parte da equipe de saúde é primeiramente trabalhar com a dicotomia dos modelos.

Em se tratando do modelo de saúde, o que se vê é ainda uma predominância de uma prática voltada para o modelo anátomo-fisiopatológico, centrado na doença, exigindo uma preocupação com o patológico, gerando daí uma atuação nos moldes da assistência curativa.

Segundo Barbosa (1998:82)“atualmente, a queixa do paciente está localizada em suas relações sociais, sejam elas de que tipo forem (familiares, profissionais, institucionais, etc.), o que equivale a dizer que as queixas dos pacientes são reais, no sentido que pertencem ao mundo exterior(...)”. Isso implica numa outra forma de compreender a saúde e exige uma conduta profissional para poder resolver as questões emergentes do cotidiano.

A maioria dos entrevistados relata que as condições de trabalho estão diretamente ligadas com o sofrimento humano, sendo que, é o enfrentamento da dor do outro e portanto demanda uma nova ordem interna. Nem sempre essa dor é somente de ordem física, mas está proporcionalmente condicionada a uma história socialmente construída. Exige então do profissional, outros referenciais de tratamento que incluam a compreensão da doença e do indivíduo doente. Nesse sentido, o cuidar é poder encontrar um jeito para lidar com as carências físicas, emocionais e sociais.

A referência é de que saúde não se explica em si mesma e compreendê-la implica em apreender as relações mais amplas em que todos os fenômenos sociais se articulam. Impõe em perceber uma multiplicidade de componentes de natureza social, cultural, psicológica e biológica, tanto no âmbito microssocial (do local de trabalho, da família, da empresa e comunidade) até no macrossocial de caráter econômico e político da organização da sociedade

como um todo. E desta forma, vem solicitar um outro modelo de profissional, que seja capaz de perceber esse contexto. Lidar com o sofrimento do outro requer uma disponibilidade interna, Solicita a criação de novos espaços alternativos para ouvir as histórias de vida dos pacientes, as suas queixas, que na maioria das vezes, precisam ser ditas e não somente medicalizadas ou instrumentalizadas pelas técnicas terapêuticas.

Esta situação pressupõe trabalhar com a fome, com a ausência de emprego, com a falta de moradia, entre outras situações, que vão constituindo um padrão patológico na vida da maioria das pessoas.

...e a situação brasileira está medonha, o pessoal desempregado passando muita necessidade mesmo e a gente convive com isso. Essa situação me choca muito e ao invés de melhorar está piorando cada vez mais. (S8)

Esse é o enfrentamento que o profissional da saúde convive.

O meu stress é durante o trabalho. Na área da saúde por você estar lidando com vidas, isso é marcante. A gente se preocupa muito com o indivíduo que está doente porque passa fome e a gente precisa tratar. É da doença ou da fome? Você canaliza suas energias para aquilo, então, quando sai dali, está exausta. (S6)

A carga de sofrimento pode ser maior quando o papel se desdobra para dentro da academia. Nesse sentido, parte dos sujeitos entrevistados analisa que cuidar da saúde do outro significa ter uma exigência pessoal que é a de estabelecer uma condição de vida que possa garantir a promoção do bem-estar físico, psíquico e social.

Tudo o que eu falo para os meus pacientes de saúde, não dou conta de fazer comigo (exercício físico, parar de fumar, comer direito) Até tentei, entrei numa academia, ia dormir a 1 h e acordava as 5 hs para ir para a academia. Fiquei oito meses. Então acho que isso é complicado, porque

eu sou um profissional da área da saúde e por isso deveria cuidar da saúde de forma mais ampla possível e até por ser clínico geral, procuro saber se o meu paciente está bem emocionalmente, socialmente e fisicamente. Tudo bonitinho ... (S11)

Porém, nem sempre a rotina diária estabelecida garante condições de trabalho que favoreçam a sua condição de vida. O professor da área da saúde enfrenta essa duplicidade de papéis que, às vezes, na universidade não se tem clareza do volume de atividades que ele executa.

Chego de manhã, passo na coordenadoria de ensino. As 8 h vou para a enfermaria com meus alunos do 4º ano, são 12 alunos para 6 leitos. Vamos examinar, discutir o caso, os exames, os medicamentos, até as 11h. Passo pelo laboratório de pesquisa, é uma atividade que está ficando para trás este ano; desde que entrei na comissão de ensino as coisas estão indo muito devagar, por conta da falta de tempo mesmo. Volto para a comissão de ensino, o dia-a-dia é reunião, despachar, resolver problemas administrativos. Três tardes eu volto para a enfermaria com os alunos do 3º ano, as outras faço ambulatório com os residentes que estão passando pela clínica geral. No final da tarde, atendo meus pacientes, são de 2 a 3, na Policlínica, aqui dentro do hospital mesmo. Volto para a comissão de ensino, para os problemas administrativos: balancetes, processos, escrever coisas. Chego em casa por volta das 22h. (S11)

O discurso é unânime no sentido de que trabalha-se muito na academia. Porém, alguns professores referem que o desgaste, de certa forma, é compensador, seja em relação ao cuidado com o paciente, ou mesmo na possibilidade de ir desmontando um modelo para a construção de outro que traduza mais o desejo de construir espaços de saúde.

A música que toca em casa As atividades do trabalho familiar.

Os professores entrevistados relatam que tirando o trabalho profissional, o outro tempo fica estabelecido para cuidar da família: da casa, dos filhos, do marido e dos parentes mais próximos.

No cotidiano, as atividades de vida diária fazem parte de uma rotina constante: o acordar, a higienização nos cuidados próprios, o vestir, o cuidado com a alimentação, o sono, a arrumação do espaço de moradia, o planejamento e o manejo econômico são aspectos usuais da vida de todas as pessoas.

Na prática são atividades usuais, mas inevitáveis; todos os dias as pessoas fazem diversas coisas sem, muitas vezes, darem conta do tempo, do espaço e do significado que elas vão dando à própria vida. No entanto, entende-se que cuidar de si mesmo, garante o domínio e a independência pessoal. Assim, a ação rotineira de calçar um sapato pode não ter tanta importância frente a outras tantas tarefas intelectuais que a pessoa desenvolve no seu dia-a-dia. Ela só vai ser valorizada a partir do momento em que a pessoa precisar de ajuda para executar essa tarefa.

No entanto, entende-se que a organização do dia-a-dia faz parte do modelo econômico em que as pessoas estão submetidas. Segundo Guattari (1986) existe uma ordem social que determina o modo de vida, que se constrói de uma forma em que as pessoas consomem uma heterogeneidade de imagens que vão determinando os valores e definindo os modos das relações humanas. Nesse sentido, a produção de atividades sem valor econômico fica excluída desse modelo.

O fazer humano é complexo e a gente faz automaticamente. É difícil valorizar esse fazer. (S17)

Embora as atividades de vida diária não sejam valorizadas no cotidiano das pessoas, até porque não exige qualquer esforço intelectual para realizá-las, são habituais e significativas no contexto de que elas dão o suporte para a organização de um estilo de vida saudável, promovendo o auto-cuidado e a auto-manutenção.

Segundo Hahn (1994:34) as atividades de vida diária são recursos do dia-a-dia que interferem numa boa qualidade de vida das pessoas; “a promoção da saúde tem a ver com o dia-a-dia saudável, de tal modo que o indivíduo possa usufruir o melhor que a vida tem a oferecer, seja da forma como ele se alimenta ou como ele lida com o stress”.

De um certo modo, essas atividades são definidas considerando a divisão sexual do trabalho em que a dinâmica familiar é apresentada sob dois aspectos: as mulheres assumem, na maioria dos casos, o papel de cuidar dos filhos e de organizar grande parte das atividades domésticas, como orientar os funcionários para o cuidado com a casa, com a alimentação, a roupa, etc.

Eu acordo às 6 h, aí vem o primeiro stress do dia que é preparar as crianças para irem à escola. Eu tenho cada filho numa escola, um entra às 7:30h, horário rígido e o outro vai no horário que a gente puder. Cedo tenho toda coisa de lancheira, banho, café, leite, mamadeira, fralda para um, lição de casa para outro...(S16)

Esse modelo parece ser o de muitas mulheres. Assim, considera-se que a dinâmica familiar seja organizada para que elas dêem conta das tarefas da casa, mesmo que precisem de ajuda como por exemplo orientar os funcionários para cuidarem da alimentação, da roupa, do jardim, etc.

Acordo, tomo café. Converso com os funcionários para orientar o que elas precisam fazer durante o dia, enquanto eu estou fora de casa...(S8)

Embora o homem apareça, em alguns casos, executando uma dessas tarefas, ele assume um papel secundário, como auxiliar e não como o responsável para dar conta desses encargos. Até porque não faz parte de um fazer rotineiro, mas esporádico.

É sempre um pouco corrido. Acordo cedo, invariavelmente durante a semana. Deixo minha filha na escola, que é muito perto daqui. Vou para o trabalho.

Volto na hora do almoço. Almoçamos juntos, os três. Depois dividimos as tarefas, o meu marido me ajuda, quando ele pode...(S9)

Porém, uma minoria apresenta um discurso que contradiz essa condição de que só as mulheres têm um terceiro turno, no sentido que trabalham o dia todo fora de casa e quando chegam precisam organizar as tarefas domésticas. Foi apontado a situação do homem que mora sozinho e tem que lidar com essa situação da mesma forma.

... na terça-feira tenho tentado chegar em casa mais cedo para dar conta da minha rotina de casa, que eu ainda tenho que cuidar da minha rotina de casa. Senão fica uma zona, porque a faxineira não dá conta das minhas coisas. A maioria das pessoas reclamam porque têm um terceiro turno, acho que isso não é mais privilégio das mulheres porque eu também tenho terceiro turno...(S15)

Nessa ordem, o homem também precisa assumir a organização da casa.

As atividades do trabalho familiar, se por um lado, derivam em situações que exigem maior esforço e cansaço, por outro, traduzem um sentimento de prazer.

Os professores entrevistados referem, então, que estar em casa pressupõe poder ter muita satisfação. Ao serem questionados sobre as atividades prazerosas fora do contexto profissional, todas as respostas foram em direção das relações familiares. Apontam as seguintes possibilidades: namorar, estar com o marido, cuidar, brincar e passear com os filhos, visitar e estar com os pais, participar de encontros familiares.

De acordo com Estés (1999:357) "o lar é a pura vida instintiva que funciona tão bem quanto uma engrenagem bem azeitada, onde tudo é como deveria ser, onde todos os ruídos parecem certos, a luz é boa e os cheiros nos acalmam em vez de nos deixarem alarmadas. Não é importante como passamos o tempo nesse retorno. O que é essencial é qualquer coisa que propicie o equilíbrio. O lar é isso".

Ficar em casa me dá muito prazer, eu gosto muito de cuidar da minha casa ou então ficar mesmo sem fazer nada...(S22)

Atividade prazerosa é conversar com o meu marido, quando a gente tem um tempinho de ficar só nós dois para conversar...(S8)

Gosto muito de passear com minha filha, estar com ela, receber os seus amigos, passear com ela, brincar, conversar, viajar com ela.(S4)

A maioria garante alguns momentos comuns entre os familiares, na rotina diária, como os encontros nos horários das refeições, para poder conversar, estar junto de certa forma e organizar o tempo disponível para as demais tarefas.

De qualquer forma, todos os professores relatam o desejo de dispor de um tempo maior para ficar em casa.

Outras músicas podem ser cantadas, tocadas, ouvidas. O tempo livre.

Nesta pesquisa, compreendeu-se a importância de discutir o tempo livre analisando algumas concepções do tema, contracenando com os relatos vividos pelo grupo de profissionais entrevistados.

Assim, encontramos a definição de alguns autores.

Dumazedier ³entende que “mesmo preservando seu justo papel como necessidade para viver, o trabalho não aparece mais a priori como a primeira necessidade humana vivida ou suscetível de ser vivida um dia pela maioria dos trabalhadores.”

Segundo Camargo ⁴ “o homem é sempre *faber* (alguém que trabalha) e *ludens* (alguém que brinca). Temos necessidade de ser úteis para alguém ou para algo, mas também temos necessidade de um lazer criativo, voltado para algo, mas também temos necessidade de um lazer criativo, voltado para nós mesmos. Negar um desses lados significa comprometer

³ Dumazedier (1994: 105) pioneiro a propor estudos sobre o lazer.

⁴ Camargo (1998:12,22) considera como ponto de vista central que o homem é alguém que trabalha e alguém que se diverte.

irremediavelmente a nossa condição humana, a nossa qualidade de vida e, não raro, a nossa saúde.”

Para Requixa (1980:35) “o lazer é uma ocupação não obrigatória, de livre escolha do indivíduo que a vive, e cujos valores propiciam condições de recuperação psicossomática e de desenvolvimento pessoal e social.”

Segundo Medeiros (1980:37) lazer é o “espaço de tempo não comprometido, do qual podemos dispor livremente, porque já cumprimos nossas obrigações de trabalho e de vida.”

Barbosa (1992:24), fazendo uma análise dos conceitos sobre lazer, argumenta que ele nos dá uma noção de temporalidade, seja no sentido do modo de vida, da maneira de estar no mundo, ou atrelado a um tempo liberado. Assim, o tempo livre está condicionado ao tempo após as obrigações familiares e de trabalho. Para ele, lazer é “um estado ativo de liberdade, de habilidade e de prazer. Considera que” a aceleração do processo de industrialização aumentou o tempo liberado e o homem não está conseguindo se encontrar nesse tempo”. Faz uma crítica aos meios de comunicação que transformam o lazer em mercadoria de consumo, na ordem capitalista de poder e lucro e sugere que o tempo livre deve voltar-se para um espaço de liberdade, na opção do uso criativo do ser humano.

Para os professores entrevistados, se o trabalho representa um mecanismo que colabora para a estruturação da vida, tendo grande influência para o equilíbrio e a saúde das pessoas, o tempo livre também aparece como imprescindível para manter essa condição.

Preciso de férias, sinto um prazer absoluto. Volto recarregada, daí sinto um prazer imenso em trabalhar. O trabalho não ocupa todo o lugar de prazer na minha vida, preciso continuamente de atividades como praia, sair com amigos, namorar, viajar. Deixar o trabalho em outro lugar... Quando sinto-me saudável é porque está havendo um equilíbrio entre o meu trabalho e o meu lazer.(S2)

Nesse contexto, é possível considerar que os professores universitários da área da saúde podem investir num tempo fora do trabalho de maneira gratificante. Logo, entende-se que, para eles o tempo de trabalho e o tempo livre não estão em oposição total, não é preciso sacrificar um em benefício do outro.

A imagem produzida pelos grupos a respeito do tempo livre, é do tempo para o lazer, do momento para a descontração, para o não fazer nada que determine compromisso, responsabilidade, horário pré-determinado. São atividades que proporcionam prazer e muitas delas são consideradas relaxantes.

Apontam como atividades de lazer as reuniões informais e os encontros com os amigos, o cinema, o teatro, a música, os shows, a dança, a leitura, as caminhadas, os exercícios físicos e esportivos, a pescaria, os passeios, as viagens para a praia, para o campo.

Outros professores referem ainda a necessidade que têm em desenvolver atividades artísticas como a pintura, o desenho, tocar um instrumento e as atividades de plantio e cultivo da terra.

A maioria determina que essas atividades dão muita satisfação, geram a descoberta de uma harmonia interior possibilitando maior sensibilidade para as energias consumidas em outras tarefas.

Na visão de alguns sujeitos da pesquisa, o tempo livre pode ser também, aquele tempo para não se fazer nada, para o descanso.

A música que arranha os ouvidos

Situações que geram desconforto

As relações cotidianas fora do trabalho foram analisadas sob o ponto de vista de quais atividades ou situações deixam os professores universitários angustiados, ou seja, as inquietações na vida que geram desconforto e sofrimento.

A maioria dos entrevistados refere que o desconforto se dá pela situação da forma de organização social e política que a sociedade contemporânea vive.

Os grupos apontam como resultado de insatisfação a desvalorização do ser humano, a situação de miserabilidade em que as pessoas vivem, a violência, a desigualdade social, a rotina dos grandes centros urbanos.

O que mais me angustia é a situação de carência das pessoas. Quando eu passo na rua e vejo as crianças pedindo...é a situação de abandono. E isso tem acontecido cada vez que eu saio na rua.. (S4)

Vários estudos ilustram que a influência das condições específicas do modo de produção e da organização social está contida no interior da sociedade contemporânea. Essa é uma situação concreta que interfere sobre a natureza humana.

O sofrimento não pode ser determinado somente como um aspecto da personalidade, que é particular, interna; na verdade ela é influenciada pela realidade exterior.

Foucault (1984) analisa a angústia dos moradores diante das transformações sócio-ambientais que nas cidades vão se operando. Assim, o medo no trabalho pode advir por duas situações reais, seja pela própria atividade que exerce como de risco, ou mesmo o medo de perder o trabalho. Outras situações podem gerar ansiedade, o medo da vida mediante as condições de moradia, o medo de não conseguir liquidar todas as dívidas no mês, o medo de sair na rua e ser assaltado, etc. Essas situações são reais e fazem parte do cotidiano do viver urbano.

Hoje o que me deixa angustiado é a crise social que a gente está vivendo. Todo stress urbano da possibilidade de roubo, de assalto, de violência, da falta de dinheiro. Está todo mundo por um fio. Está todo mundo estourando por nada. O meu ponto de angústia hoje se localiza nessa grande crise social...(S16)

A situação que me deixa angustiado atualmente é a violência. Está limitando as atividades da gente fora, é de doer de ver, a gente está cada vez mais preso, mais concentrado.(S18)

As pessoas estão irritadas, estressadas, amedrontadas, invadidas. Muitos problemas de relação que a gente tem hoje, é em geral, de pânico que foi instalado. É a crise urbana, a violência, esse processo de urbanização desenfreado, caótico, não planejado, me provoca e me angustia muito.(S9)

Entende-se que as pessoas vivem com medo, sendo assim, precisam estabelecer alguns critérios de defesa para poderem lidar com esses problemas.

Uma outra situação considerada diz respeito as frustrações vivenciadas no dia-a-dia. Parte dos professores entrevistados refere ter um sentimento de angústia frente às escolhas profissionais e pessoais. Apresenta como inquietações a dupla jornada de trabalho, o ritmo de vida frente a todas as obrigações assumidas, a questão financeira, a falta de reconhecimento no trabalho, a situação de desespero quando as crianças adoecem, a pouca convivência com os filhos na fase da adolescência, a falta de ter um tempo maior para estar e cuidar de si mesmo e da família.

Muitas vezes, eu me sinto muito cansado, aí eu percebo que não tenho tempo que eu gostaria de ter para a minha família, para os meus filhos, para o meu marido. Então, muitas vezes no final de semana eu gostaria de fazer as coisas com eles e eu não tenho gás, não tenho força. Isso acaba sendo um fator estressante, quando eu percebo que toda a minha energia foi no trabalho, que sobrou muito pouco para mim ..(S21).

Essas situações apontam para a difícil conciliação entre o trabalho e a vida familiar. Porém, parece que os professores, ao fazerem suas escolhas, passam a conviver com momentos de satisfação e/ou de angústia.

CONCLUSÃO

Sonhos vem, sonhos vão, traçando um caminho.

Esta pesquisa possibilitou levantar as dissemelhanças existentes entre os grupos de professores universitários da área da saúde. A proposta de análise considerou o cruzamento dos dados. Assim, num primeiro momento foram apreciados os relatos dos professores da rede pública de ensino e o dos da rede privada. Posteriormente a formação profissional, serviu como referência para a delimitação dos grupos.

Os professores da rede pública de ensino e os da rede privada de ensino.

Levando em conta a influência da situação de trabalho sobre a vida cotidiana, entendeu-se o caráter dominante do trabalho vivido por esses grupos de profissionais, tanto no que diz respeito ao significado psíquico como temporal. A maioria demonstra ter satisfação na atividade que desempenha e gostaria de continuar na academia. Porém, as condições de trabalho podem garantir sentimentos de angústia e de felicidade.

As instituições públicas e particulares estão estruturadas de forma a estabelecerem condições específicas de trabalho.

A lógica do assalariamento, por exemplo, é diferente nos dois modelos de instituições de ensino. Os professores funcionários públicos submetem-se a uma crise atual que se abate sobre o Estado, de ordem estrutural, economicamente localizada nas universidades públicas, onde os recursos materiais e humanos são precários e contribuem para o processo de pauperização do trabalhador, cada vez mais intenso. Referem a um total constrangimento pois não sentem seu trabalho reconhecido e valorizado.

Por outro lado, os profissionais assalariados das empresas privadas de ensino inserem na lógica de valorização do mercado, submetendo-se a um regime capitalista da produção e do lucro.

Uma outra situação vivenciada diferentemente pelos dois grupos na academia, diz respeito ao modo de contrato de trabalho estabelecido entre as partes. Assim, na escola pública, o professor, na maioria das vezes, tem dedicação exclusiva e cumpre uma carga horária de quarenta horas aulas semanais, o que é tido como suficiente para o desenvolvimento dos outros papéis.

No setor privado, o valor e as condições de venda da sua força de trabalho estão determinadas por hora trabalhada e o profissional permanece na academia o tempo suficiente para cumprir a sua carga horária, que nesta pesquisa esteve entre quatro e trinta e sete horas/aulas/semanais.

A situação de contrato de trabalho é o que conduz a um maior ou menor investimento da academia nos projetos de incentivo ao ensino continuado. Nessa ordem, o professor da escola pública tem garantido os cursos de especialização e desempenha projetos de pesquisa com maior frequência e disponibilidade.

Embora nas escolas particulares a pesquisa esteja numa escala de prioridades, fica a critério do professor esse investimento, considerando suas possibilidades.

O professor da escola pública mantém uma expectativa de devolver à comunidade bons profissionais, tentando retribuir de alguma forma, o benefício recebido pela sociedade. Referir um dever social e uma forma de pagamento é contribuir para que mais profissionais possam investir no atendimento à saúde.

Os profissionais da rede privada de ensino, embora sintam a necessidade de poder contribuir para a formação profissional do aluno, desejando lançar no mercado pessoas competentes, não se sentem endividados com a sociedade.

Os terapeutas ocupacionais e os outros profissionais da saúde.

Para o grupo de terapeutas ocupacionais, ser professor é uma situação circunstancial, no sentido de que não existe, ainda, nessa profissão uma tradição acadêmica. Em outras áreas existe um grande número de especialistas que disputam uma vaga na universidade.

Historicamente, o curso de Terapia Ocupacional no Brasil é recente e foi a partir da década de setenta, com a expansão das escolas de nível superior por todo o país, é que houve

possibilidade de ter um maior número de professores terapeutas ocupacionais nas universidades.

A ocupação desse espaço veio favorecer a abertura de mercado de trabalho para os terapeutas ocupacionais. Num primeiro momento seria uma opção de trabalho, mas a criação desse espaço possibilita o crescimento da profissão, uma vez que a academia proporciona a interação dos cursos, a experimentação de diversos papéis, a divulgação da profissão em vários espaços, o aprimoramento formal, a constituição das áreas de pesquisa, entre outras.

Uma outra questão que leva a dessemelhança entre os demais profissionais da área da saúde é que o terapeuta ocupacional pode, na sua prática optar pelo trabalho clínico ou social e educativo. Assim, quando ele atua numa creche o seu objetivo é de possibilitar as diversas relações objetivas, ou seja, estimular a criança para que ela utilize o brinquedo como suporte para o seu desenvolvimento neuropsicomotor.

Na atuação profissional, ele pode estar inserido diretamente nas práticas sociais. Nas outras áreas, o profissional da saúde é essencialmente clínico.

Estas considerações apontadas nesta pesquisa não tiveram a pretensão de determinar a conclusão do tema. Pelo contrário, tiveram a preocupação de fazer os apontamentos a partir da análise dos discursos dos profissionais envolvidos e de registrar uma imagem do professor universitário da área da saúde que desenvolve um trabalho na academia.

Este trabalho, no entanto, pode servir como um material para que seja pensada uma série de questões relacionadas à atuação do professor da área da saúde e às possíveis ressonâncias do seu trabalho.

1.7 - Há quanto tempo é docente nesta universidade?

1.8 - Qual é sua carga horária?

II - DA FUNÇÃO

2.1 - Como é que você sente-se em relação a escolha profissional que fez, enquanto professor universitário?

2.2 - Quais são as atividades que fazem parte do seu cotidiano nesta universidade?

2.3 - Existem atividades que você desempenha e acha que não condizem com a sua função? Se sim, fale sobre elas.

2.4 - Como você entende o papel do professor universitário?

2.5 - Que tipos de dificuldades você encontra na universidade em relação a:

- a) relacionamento com os colegas;
- b) atividades com os alunos;
- c) relacionamento com a administração.

2.6 - Fale sobre suas expectativas em relação à profissão (na universidade) que foram ou estão sendo alcançadas.

2.7 - Fale sobre as expectativas que você tem em relação à profissão (na universidade) que não foram ou não estão sendo alcançadas. Que motivos você atribui para isso?

2.8 - Como você vê o reconhecimento do trabalho que você realiza na universidade?

III - DAS ATIVIDADES:

3.1 - Quais as atividades ou situações que lhe dão mais satisfação no trabalho?

3.2 - E as atividades ou situações que lhe deixam angustiado no trabalho?

3.3 - Quais são as atividades ou situações que lhe dão satisfação fora do trabalho? Com que frequência as realiza?

3.4 - E as que lhe deixam angustiado fora do trabalho? Com que frequência?

3.5 - Quais são suas atividades prazerosas e relaxantes?

3.6 - Fale sobre sua rotina de vida

Livre

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. A Gestão do futuro. Campinas, SP: Papyrus, 1986.

_____ jornal Folha de São Paulo: junho/1998. Tendências/Debates.

ARENDT, Hanna. A Condição Humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

AROUCA, Lucila Schwantes. Relação Ensino-pesquisa: A Formação do pesquisador em Educação. Trabalho apresentado no IV Congresso Estadual Paulista, Águas de São Pedro: maio, 1996.

ASSMANN, Hugo. Reencantar a Educação. Rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1998.

BACHELARD, Gaston. A formação do espírito científico. Rio de Janeiro, Contraponto, 1999.

BAGNATO, M. H; COCCO, M. I. M; DE SORDI, I. M. R. L (org). Educação, Saúde e Trabalho. Antigos problemas, novos contextos outros olhares. Campinas: Alínea, 1999.

BARBOSA, Sonia Regina da Cal Seixas. Qualidade de vida e saúde mental. In: Cadernos de Terapia Ocupacional . São Carlos: UFSCar, 1998. Ano II, vol.7, n.2, p.67-87.

BARBOSA, José Antonio Strumendo. O Lazer como elemento construtivo no *modus vivendi* do homem de nossos dias. Dissertação de mestrado, Piracicaba, SP:UNIMEP, 1992.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa, Edições 70, 1977.

BATISTA, Nildo Alves. Conhecimento, Experiência e Formação: do Médico ao Professor de Medicina. Dissertação de Mestrado, São Paulo: UNIFESP/EPM, 1997.

BOGDAN, R. C., BIKLEN, Sari K. *Investigação Qualitativa em Educação*. Portugal: Porto Editora, 1994.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. *Educação para o Lazer*. São Paulo: Ed. Moderna, 1998.

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social. Uma crônica do salário*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

COELHO, Teixeira. *Revista E*, São Paulo: SENAC, 1998.n.2, ano5.

CUNHA, Luiz Antonio. *Educação, Estado e Democracia no Brasil*. São Paulo: Cortez Ed, 1995.

DEJOURS, C. *A loucura do Trabalho*. São Paulo: Cortez, 1992.

DUMAZEDIER, Joffre. *A Revolução Cultural do tempo livre*. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1994.

EMMEL, Maria Luísa Guillaumon e LANCMAN, Selma. *Quem são nossos mestres e doutores ? O avanço da capacitação docente em Terapia Ocupacional no Brasil*. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, São Carlos, 1998, ano VII, vol. 7, n. 1, p.29-38.

ERIKSON, Erik H. *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

ESTÉS, Clarissa Pinkola *Mulheres que correm com os lobos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. São Paulo, Nova Fronteira, 1995.

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da medicina social. Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____ *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

FRANÇA, Ana Cristina Limongi. A. Stress e Trabalho. São Paulo: Atlas, 1997.

FRIEDMANN, G. O trabalho em migalhas. São Paulo: Perspectiva, 1971.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa, São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FROMM, Erich. Ter ou Ser? Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

GADOTTI, Moacyr. Concepção Dialética da educação. São Paulo: Cortez, 1983.

GERALDI, Corinta. A integração do ensino e da pesquisa no trabalho docente universitário. Revista Quaestio, Sorocaba:UNISO, 1999.

GOBBO, Sâmia D Angelo Alcuri. Assim é a escola. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 1997.

GOLDENBERG, Miriam. A arte de pesquisar. Rio de Janeiro: ABDR, 1997.

GOLDENBERG, R. GOZA, capitalismo, globalização e psicanálise. Salvador: Ágalma, 1997

GONÇALVES, C. S; WOLFF, Jr; ALMEIDA, W. C. Lições de Psicodrama. Introdução ao pensamento de J.L. Moreno. São Paulo: Ágora, 1988.

GUATTARI, Felix e ROLNIK, Suely. Micropolítica- Cartografias do desejo. Petrópolis: Ed. Vozes, 1986.

_____. As três ecologias. Campinas, Papirus, 1990.

HAHN, Michelle. S. Estudo da clientela de um programa de atenção em saúde mental junto ao estudante universitário de São Carlos. Dissertação de Mestrado, Campinas: UNICAMP, 1994.

HARVEY, David. A Condição Pós-Moderna. São Paulo: Loyola, 1996.

KORITIAKE, Luiz Antonio. Qualidade Total da Empresa à Escola: A relação entre as experiências vividas na empresa e na escola pelos alunos estagiários do curso de

Desenho de Projetos de mecânica da Escola Técnica Estadual "Fernando Prestes".
Dissertação de Mestrado. Sorocaba: UNISO, 1999.

LIBERMAN, Flávia. Danças em Terapia Ocupacional. São Paulo: Summus, 1998.

LUDKE, Menga & ANDRE, Marli. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.
São Paulo: EPU, 1986.

LIPP, Marilda E. Como enfrentar o STRESS. Campinas: UNICAMP, Icone, 1987.

MÂNGIA, Elisabete Ferreira. Apontamentos sobre o campo da Terapia Ocupacional.
Revista Terapia Ocupacional. São Paulo: USP, v.9, n.1, p.5-13.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer e Educação. Relações entre o Lazer, a escola
e o processo educativo. Dissertação de mestrado. Campinas: PUCcamp, 1984.

_____ Lazer e Humanização. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

MARCONDES, Eduardo e LIMA, Ernesto. Educação Médica. São Paulo, Sarvier,
1998.

MARCUSE, Herbert. Ideologia da Sociedade Industrial. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

MASI, Domenico de. A Emoção e a Regra. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

_____ Revista E. São Paulo: SENAC, 1999, n.2, ano 6.

MAXIMINO, Viviane Santalucia. A Constituição de Grupos de Atividade com
Pacientes Psicóticos. Tese de Doutorado. Campinas/SP: UNICAMP, 1997.

MEDEIROS, Ethel B. Educação para o Lazer. Boletim de intercâmbio. Rio de Janeiro:
SESC, 1980.

MENDES, René. Patologia do Trabalho. Belo Horizonte: Atheneu, 1998.

MONACI, Eliana Marta. A Vivência de felicidade e/ou Bem-Estar de Professores no
Ambiente Universitário. Tese de Doutorado, São Paulo: USP, 1995.

NERI, A. L. (org) Qualidade de Vida e Idade Madura. Campinas: Papyrus, 1993.

NÓVOA, Antonio. Formação de professores e profissão docente. Os professores e a sua formação (coord). Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

PELBART, Pal Peter. Trabalho imaterial e reconfigurações da subjetividade. Conferência no VI Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional. Águas de Lindóia, SP: 1999.

PENTEADO, Silvia Angela T. Identidade e Poder: Um estudo da gestão compartilhada na universidade. Tese de doutorado, São Paulo: USP, 1996.

PERRENOUD, P. Práticas Pedagógicas, Profissionais Docentes e Formação. Perspectivas sociológicas. Lisboa, Dom Quixote, 1993.

PIMENTEL, Maria da Glória. O professor em construção. São Paulo, Tese de Doutorado, São Paulo: PUC, 1992.

PITTA, Ana. Hospital. Dor e morte como OFÍCIO. São Paulo: Hucitec, 1999.

REINHOLD, Helga H. Stress Ocupacional do Professor I. Dissertação de mestrado, Campinas: PUCcamp, 1984.

REQUIXA, Renato. Sugestões de Diretrizes para uma política nacional de lazer. São Paulo: SESC, 1980.

REVISTA DO NÚCLEO DE ESTUDOS SOBRE TRABALHO E EDUCAÇÃO – NETE. Belo Horizonte, FAE/UFMG, 1996.

RIVERO, Cléia Maria da Luz. “PROFESSORES AUTORES E ATORES – Contracenando com teorias de aprendizagem e tendências pedagógicas da prática escolar. Revista Quaestio, Sorocaba: UNISO, 1999, n.1, p.42-53.

ROLIM, IZ C. Educação e Lazer. São Paulo: Ática, 1989.

SADER, Eder. Revista E. São Paulo: SENAC, 1988, n.4, ano 5.

SAMPAIO, Jader dos Reis (org). Qualidade de Vida, Saúde Mental e Psicologia Social: estudos contemporâneos II. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

SANTOS, Boaventura de Souza. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1996.

SCHÖN, D. La Formación de Profissionais Reflexivos – Hacia un Nuevo Disenso de la Enseñanza y el Aprendizaje en las Profesores. Barcelona, Paidor, 1992.

SHEEHY, Gail. Passagens: crises previsíveis da idade adulta. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998.

SINGER, Paul. Poder, política e educação. Revista Bras. de Educação, São Paulo: 1996.

SPINK, Mary Jane. Regulamentações das profissões de saúde: o espaço de cada um. Cadernos FUNDAP. São Paulo: 1985.5(10).

_____ O Conhecimento do cotidiano. As representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SOARES, Lea Beatriz T. Terapia ocupacional. Lógica do capital ou do trabalho? São Paulo: Hucitec, 1991.

SUCHODOLSKI, Bogdan. A Pedagogia e as Grandes Correntes Filosóficas. Lisboa: Livros Horizonte, 1992.

TEVES, N., RANGEL, MARY. (orgs). Representação Social e Educação. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-Ação. São Paulo, Cortez, 1992.

TRIVINÕS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais- pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VILLARES, Cecília Cruz. Abordagem Qualitativa em Saúde mental: Parte I – Conteúdo, Conceituação e Metodologia. Revista de Terapia Ocupacional da UFSCAR. São Carlos, 1998, vol. 9, n. 2, p.5-61.

WATANABE, Marisol e STAHL, Fátima Ap. Marin. A terapia ocupacional na empresa, numa proposta multidisciplinar e a saúde do trabalhador. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar. São Carlos, 1996, ano V, vol. 5, n. 1, p.62-75.

WEBER, Max. Economía y sociedad. Havana, Editora de Ciencias Sociales, 1971.